

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC DIOGO DE BARROS GUEDES

A EVOLUÇÃO DA ESTRATÉGIA NAVAL DA REPÚBLICA POPULAR DA CHINA NOS  
ÚLTIMOS TRINTA ANOS À LUZ DOS ENSINAMENTOS DEIXADO POR MAHAN

Rio de Janeiro

2022

CC DIOGO DE BARROS GUEDES

A EVOLUÇÃO DA ESTRATÉGIA NAVAL DA REPÚBLICA POPULAR DA CHINA NOS  
ÚLTIMOS TRINTA ANOS À LUZ DOS ENSINAMENTOS DEIXADO POR MAHAN

Dissertação apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CMG(RM1) Otacilio B. Peçanha.

Rio de Janeiro  
Escola de Guerra Naval  
2022

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço imensamente à Deus por me manter forte ao longo dessa caminhada.

Em memória, aos meus pais Edson e Maria Catarina, por todo amor e dedicação que proporcionaram aos seus filhos.

Ao meu querido irmão Rodrigo, por servir de exemplo de força e coragem e pelas palavras de incentivo durante nossas valorosas conversas.

À minha família, em especial, minha amada esposa Flávia, grávida de oito meses, e ao meu filho Miguel, agradeço por compreenderem minha ausência nos últimos dois anos, por serem o meu porto seguro, a fonte de inspiração, motivação e apoio, que me deram forças para seguir firme e vencer os desafios que vieram pela frente.

Por fim, agradeço ao meu orientador, CMG(RM1) Otacilio Peçanha, por todo apoio e orientações, de forma clara e dinâmica, prestados ao longo desse trabalho.

## RESUMO

O propósito dessa pesquisa é analisar o avanço da República Popular da China, da estratégia naval da Marinha do Exército de Libertação Popular ao longo dos últimos trinta anos, e a aderência aos princípios teóricos estabelecidos por Alfred Thayer Mahan. A fim de executar essa análise, o trabalho emprega a metodologia da teoria versus realidade. Após pontuar os principais fatores condicionantes da Teoria do Poder Marítimo de Mahan, passamos a observar a necessidade de modernização e ascensão da marinha chinesa, impulsionada pelo reposicionamento da República Popular da China no cenário internacional. A importância do entorno estratégico da República Popular da China, tanto o Mar da China Oriental quanto o Mar do Sul da China, e, além disso, as regiões do oceano Índico, Oriente Médio e África, passaram a fazer parte das principais Linhas de Comunicações Marítimas do mundo, levando à necessidade de uma reestruturação e modernização da marinha chinesa e, conseqüentemente, a mudança da estratégia naval chinesa como parte da crescente preocupação do Estado com a proteção dessas linhas. Todo esse movimento ocorrido pela necessidade de ampliar e sustentar o comércio marítimo, além da necessidade de transportar os recursos naturais e energéticos necessários para que a República Popular da China continue sua caminhada de destaque no cenário internacional. Este trabalho explica os desafios enfrentados pelo Estado chinês, onde a modernização da marinha, o incremento do comércio, a mudança no caráter de governo, a mudança no caráter nacional, as preocupações com o posicionamento geográfico e a conformação física, foram nas últimas décadas destaque na República Popular da China e fizeram com que, de fato, o Estado se reposicionasse no cenário global. Para que tudo isso fosse possível, a necessidade de possuir uma força naval organizada, pronta para enfrentar os desafios que possam vir, conduziram a evolução da Marinha do Exército de Libertação Popular e, diante de tudo que foi visto, fica claro o quanto os fatores condicionantes da Teoria do Poder Marítimo de Mahan estão presentes nesse processo. Desse modo, o trabalho examina a teoria, apresenta os fatores condicionantes e os conceitos fundamentais de comando do mar e de bases marítimas avançadas.

Palavras-chave: Mahan. República Popular da China. Estratégia naval. Poder Marítimo. Modernização. Caráter de governo. Linhas de Comunicações Marítimas. Bases marítimas avançadas.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Gráfico de gastos da RPC com importação de equipamentos militares.....	54
Figura 2 –	Mapa ilustrativo da primeira e da segunda cadeia de ilhas.....	55
Figura 3 –	Mapa ilustrativo dos nove traços e as disputas territoriais que envolvem Brunei, Indonésia, Filipinas, Malásia e Vietnã .....	56
Figura 4 –	Mapa ilustrativo de algumas bases e portos sob gestão chinesa.....	57
Figura 5 –	Infográfico demonstrativo dos cinquenta portos mais movimentados do mundo.....	58

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- A2/AD – *Anti-Access/Area-Denial*
- BRI – *Belt and Road Initiative*
- C4ISR – *Command, Control, Communications, Computers, Intelligence, Surveillance and Reconnaissance*
- CNUDM – Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar
- ELP – Exército de Libertação Popular
- EUA – Estados Unidos da América
- GPS – *Global Position System*
- LCM – Linhas de Comunicação Marítimas
- MCO – Mar da China Oriental
- MELP – Marinha do Exército de Libertação Popular
- MSC – Mar do Sul da China
- MT – Mar Territorial
- PCC – Partido Comunista Chinês
- PIB – Produto Interno Bruto
- RPC – República Popular da China
- SIPRI – *Stockholm International Peace Reserach Institute*
- TO – Teatro de Operações
- ZEE – Zona Econômica Exclusiva

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>7</b>
<b>2</b>	<b>A TEORIA DE ALFRED T. MAHAN, O “EVANGELISTA DO PODER MARÍTIMO”</b> .....	<b>9</b>
2.1	FATORES CONDICIONANTES .....	10
2.1.1	Posição geográfica .....	10
2.1.2	Características físicas .....	12
2.1.3	Caráter nacional.....	13
2.1.4	Caráter de governo .....	14
2.2	NÍVEIS DA TEORIA DO PODER MARÍTIMO DE ALFRED T. MAHAN .....	15
<b>3</b>	<b>O AVANÇO DA ESTRATÉGIA NAVAL CONTEMPORÂNEA DA RPC E OS DESAFIOS DAS REGIÕES AO SEU ENTORNO</b> .....	<b>17</b>
3.1	A NECESSIDADE DE ASCENÇÃO DA MARINHA DO ELP .....	17
3.2	MODERNIZAÇÃO DA MARINHA DO ELP .....	20
3.3	REGIÕES DE INTERESSE PARA A RPC.....	26
3.3.1	A China e a segurança no Leste da Ásia.....	27
3.3.2	Mar da China Oriental (MCO) .....	29
3.3.3	Mar do Sul da Cinha (MSC) .....	30
<b>4</b>	<b>OS PRINCIPAIS PONTOS DE ADERÊNCIA DO PODER MARÍTIMO CHINÊS COM A TEORIA DE ALFRED T. MAHAN.....</b>	<b>34</b>
4.1	ADERÊNCIA RELACIONADA AOS FATORES CONDICIONANTES IMUTÁVEIS.....	35
4.2	ADERÊNCIA RELACIONADA AOS FATORES CONDICIONANTES MUTÁVEIS.....	37
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>46</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>51</b>
	<b>ANEXO A</b> .....	<b>55</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A fotografia do cenário internacional dos dias atuais mostra a República Popular da China (RPC) como a segunda maior economia do mundo, tendo seu Produto Interno Bruto (PIB) de 2021 atingido mais de 17 trilhões de dólares, ficando atrás dos Estados Unidos da América (EUA), em torno de cinco trilhões de dólares (WORLD..., 2021). Esse crescimento econômico das últimas décadas está ligado a uma série de fatores relevantes, entre eles o desenvolvimento dos setores de indústria, tecnologia, comércio e defesa.

Quando falamos do desenvolvimento do comércio da RPC, logo pensamos no crescimento do comércio marítimo, aumento do fluxo de navios mercantes, aumento do número de linhas de comunicações marítimas (LCM), crescimento da indústria naval do país, aumento das disputas por áreas marítimas, procura por novos mercados no entorno do globo e, não menos importante, o aumento da preocupação com a defesa marítima, demandando um pesado investimento no setor, de modo a compor uma força naval capaz de atender as demandas oriundas desse novo status quo da RPC perante o mundo.

Há cerca de três décadas, a RPC acordou para essa realidade e percebeu que não poderia ter apenas um exército forte, mas sim, deveria ter uma marinha forte, de alcance global, que pudesse fazer frente aos desafios que estavam por vir.

Como questão do estudo que hora se inicia, este se prestará a responder a seguinte pergunta: “De que forma ocorreu a evolução da estratégia naval contemporânea da RPC e como a Teoria do Poder Marítimo de Alfred T. Mahan influenciou essa evolução?”; tendo como propósito analisar o avanço da estratégia naval da RPC nas últimas décadas à luz da Teoria do Poder Marítimo de Mahan.



O presente trabalho será organizado em cinco capítulos, sendo esta introdução o primeiro deles. O segundo capítulo abordará pontos importantes da Teoria do Poder Marítimo de Mahan, iniciando por uma contextualização histórica de como e quando sua obra foi escrita, em seguida, apresentaremos os principais fatores condicionantes para o poder marítimo e encerraremos o capítulo mostrando os dois níveis nos quais deve ser enxergada a teoria.

No terceiro capítulo, discorreremos de que forma se deu a modernização da Marinha do Exército de Libertação Popular (MELP) nos últimos 30 anos, apresentando a mudança de mentalidade ocorrida na alta administração do país, o aumento da preocupação com a defesa marítima, principalmente, a necessidade de prover segurança às LCM, a mudança de direção nos gastos da defesa, passando a MELP a ter mais gastos que o próprio ELP, o que simboliza uma mudança de direção na política de governo, que busca se voltar para o mar ou pelo menos aumentar seus olhares para a sua importância, a criação de bases marítimas avançadas e bons portos no seu litoral, bem como a preocupação com pontos estratégicos. Todas essas ações, dentro do contexto de planejamento estratégico de defesa, já dão condições para a RPC fazer frente aos desafios atuais na área marítima do Mar da China Oriental (MCO) e do Mar do Sul da China (MSC), além das preocupações ao longo das LCM.

No quarto capítulo, será dada atenção aos pontos focais da estratégia naval contemporânea da RPC e se buscará encontrar aderências à Teoria do Poder Marítimo de Mahan, mostrando se o teórico contribuiu ou não para o crescimento da estratégia naval chinesa, destacando, nessa possível ligação, os aspectos de posição geográfica, conformação física, caráter nacional e caráter de governo.

No quinto e último capítulo, teremos a conclusão do trabalho, em que serão reapresentados os pontos mais relevantes e, também, será respondida à pergunta apresentada no início desta introdução.

## 2 A TEORIA DE ALFRED T. MAHAN, O “EVANGELISTA DO PODER MARÍTIMO”

Alfred Thayer Mahan<sup>1</sup> nasceu nos EUA e viveu de 1840 a 1914, filho de um professor da Academia Militar de West Point, chamado Dennis Hart Mahan<sup>2</sup> (1802 – 1871). Mahan teve como principal obra, o livro “The Influence of Sea Power upon History 1660-1783”, que foi publicado em 1890. Neste livro, Mahan tinha como objetivo compreender como o Reino Unido havia se tornado uma potência mundial e, também, chamar a atenção de seus compatriotas norte-americanos para a importância do mar para o desenvolvimento de um Estado.

Ao longo da história pôde-se perceber que o mar passou a ser o principal meio de expansão do comércio internacional. Desde então, foram criadas as principais rotas marítimas. Para Mahan, o transporte marítimo tanto em águas mais afastadas quanto em águas interiores foi responsável pela grandeza comercial da Holanda e do Reino Unido, já que naquela época as vias terrestres eram muito precárias e difíceis de serem transpostas. Somase o fato de que o tráfego pelas vias marítimas eram mais seguras do que nas vias terrestres (MAHAN, 1987).

Mahan destacava que o desejo de todo Estado voltada para o mar era que se tivesse seus próprios navios e, também, portos seguros, de modo que pudessem retornar em segurança. Ele presenciou o declínio do comércio marítimo nos EUA e, conseqüentemente, o

---

<sup>1</sup> Alfred Thayer Mahan foi Oficial da Marinha e historiador norte-americano, influenciou o poder marítimo no final do século XIX e no início do século XX. Graduou-se na Academia Naval dos Estados Unidos da América, em Annapolis, Maryland, em 1859, e passou a cumprir quase 40 anos de serviço ativo. Em 1884 foi convidado para servir na Naval War College, onde se tornou Comandante em 1886. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Alfred-Thayer-Mahan>>. Acesso em: 18 jun. 2022.

<sup>2</sup> Denis Hart Mahan, pai de Alfred T. Mahan, nasceu em Nova Iorque, em 02 de abril de 1802, cresceu em Norfolk, frequentou a Academia Militar dos Estados Unidos da América, em West Point. Retornou à Academia para ensinar engenharia civil e militar de 1824 a 1871. Disponível em: <<https://www.nps.gov/people/dennis-mahan.htm>>. Acesso em: 18 jun. 2022.

encolhimento das frotas mercantes e, em seguida, da frota de guerra. Para retomada dessas frotas, era necessário o retorno da atividade comercial, que naquela época, serviria de força motriz para impulsionar o retorno dos navios mercantes e da frota de guerra (MAHAN, 1987).

Também foi nessa época, que por meio da marinha mercante, começou a enxergar o quanto seria importante a existência de locais seguros, longe de seus portos, ou seja, em extremos opostos das rotas comerciais marítimas, que fornecessem uma certa segurança, tanto aos marinheiros, quanto às mercadorias por eles transportadas. Nesse contexto, os países que buscavam o crescimento do comércio marítimo internacional começaram a construir bases de apoio em outros países (MAHAN, 1987).

A história nos permite concluir que as ações realizadas por alguns indivíduos ligados ao mar tiveram como consequência o crescimento do poder marítimo, tanto no aspecto do poder naval, quanto com relação as transações comerciais (MAHAN, 1987).

Para melhor entendimento, vamos detalhar nesse momento quatro dos seis fatores condicionantes para o poder marítimo destacados por Mahan, que são: posição geográfica, características físicas, caráter nacional e caráter de governo e, em seguida, falaremos dos níveis em que a teoria pode ser dividida.

## 2.1 FATORES CONDICIONANTES

Veremos quatro dos seis fatores condicionantes para o poder marítimo defendidos por Mahan, que nos ajudará a entender o desenvolvimento dos poderes marítimos em diversos países, entre eles EUA, Reino Unido e, mais adiante, na RPC.

### 2.1.1 Posição geográfica

Inicialmente falaremos da posição geográfica, que, sendo um fator de

fundamental importância, ajuda a definir o quanto um país se envolverá com o mar. Mahan cita a vantagem do Reino Unido perante a França e a Holanda. Percebe-se que o Reino Unido não possui preocupações em suas fronteiras terrestres, o que o permite ter uma mentalidade voltada para o mar, já a França e a Holanda possuem preocupações em suas fronteiras terrestres que dificultam seu envolvimento, com maior intensidade, nas lides marítimas (MAHAN, 1987).

Outro ponto importante é que, dependendo da posição geográfica, a exemplo da França, o país terá sua esquadra dividida, já que a França é banhada pelo Oceano Atlântico e pelo Mar Mediterrâneo. Caso haja necessidade de reunir a esquadra, o Estreito de Gibraltar terá que ser transposto. Outro exemplo didático, citado por Mahan, são os EUA, que, com sua costa sendo banhada pelos Oceanos Atlântico e Pacífico, poderiam lidar com um imenso fator de fraqueza, caso não ocorresse a construção do Canal do Panamá, no início do século XX, já sugerida por Mahan desde o final do século XIX (MAHAN, 1987).

No caso do Reino Unido, existia uma vantagem para a concentração de suas forças, entretanto, o grande número de colônias o forçava a envidar esforços para mares distantes, o que, naturalmente, fez com que obtivesse um crescimento do poder naval (MAHAN, 1987).

Segundo Mahan, a posição geográfica de um país pode não apenas favorecer a concentração de suas forças, mas também oferecer a vantagem estratégica adicional de uma posição central e uma boa base para operações ofensivas contra seus possíveis inimigos (MAHAN, 1987).

Era assim que ocorria no Reino Unido, pois de um lado havia a Holanda e países do norte e do outro lado a França. Por ocasião de uma ameaça, o Reino Unido rapidamente reunia suas frotas e enfrentava qualquer um dos inimigos que porventura surgiam (MAHAN, 1987).

Outro ponto que requer destaque é a facilidade de acesso ao alto mar e, ao mesmo tempo, a possibilidade de controle de importantes LCM, o que encaixava perfeitamente com o Reino Unido, haja vista a grande parte do comércio dos países do Norte da Europa que passavam pelo Canal da Mancha (MAHAN, 1987).

### 2.1.2 Características físicas

Outro fator considerado por Mahan em sua teoria são as características físicas que afetam as condições para que um país possa ter um poder marítimo forte. As características físicas dizem respeito não somente ao contorno da costa, mas também outras condições que influenciam os povos a estarem próximos ao litoral, exercendo atividades voltadas para a lide marítima, o que sem dúvidas contribuirá para o desenvolvimento do poder marítimo de um país. Mahan destacou que a França possuía excelentes portos no Oceano Atlântico e no Mar Mediterrâneo, próximos da desembocadura de grandes rios, facilitando não só o comércio, mas também o escoamento interno do país (MAHAN, 1987).

Um importante ponto que se deve observar quanto às características físicas é que quanto mais riquezas naturais o país tiver, como: um solo fértil, clima ameno e outros atributos naturais, a tendência natural é que busque menos o exterior. Já aqueles países que não foram tão favorecidos pelas riquezas naturais, não possuem um clima tão agradável, nem um solo muito rico, vão necessariamente buscar se relacionar com Estados que possam suprir suas necessidades e, conseqüentemente, levará seu povo com mais facilidade para o mar, fazendo com que seu poder marítimo cresça. Esse aspecto citado por Mahan faz alusão direta à França e ao Reino Unido, na medida em que esse último tinha mais necessidades externas do que a França (MAHAN, 1987).

Outro ponto sobre características físicas é que o mar, invariavelmente, serve de

fronteira natural, mas também pode separar um país em partes. Nesses casos, o controle do mar torna-se extremamente desejável. Um exemplo citado por Mahan é a Itália, pois, naquela época, era um país novo e precisava despende esforços para fortalecer sua marinha de guerra de modo a fazer frente a possíveis inimigos que tivessem interesse em suas LCM na península (MAHAN, 1987).

Nos EUA, Mahan avaliava que, com exceção do Alasca, todas as posses norte-americanas eram facilmente acessíveis e que a fronteira mais fraca, no caso aquela voltada para o Oceano Pacífico, ficava muito distante dos potenciais inimigos e um outro fator relevante é que se tem uma baixa dependência externa, já que os recursos internos são abundantes e permitiriam uma sobrevivência independente por bastante tempo, sem precisar de recursos externos (MAHAN, 1987).

### 2.1.3 Caráter nacional

A aptidão para as atividades comerciais voltadas para o mar vem das características do próprio Estado. Se olharmos a história, e observarmos o caminho tomado por Portugal e Espanha, identificamos que a ganância pelo ouro e pela prata não os permitiram um crescimento saudável de seu comércio marítimo, tampouco o desenvolvimento de indústrias ligadas ao poder marítimo. A cegueira pelos ganhos os levou a uma avaria feroz. Os espanhóis possuíam uma desastrosa ojeriza ao trabalho e uma postura de aguardar a riqueza. O caminho tomado por Portugal foi bem parecido com o da Espanha. Diferente deles, o Reino Unido e a Holanda levaram essa questão de uma maneira muito mais consciente, eles claramente visavam o lucro, mas de uma maneira tal que permitia o crescimento de seu comércio marítimo internacional e, conseqüente, de seu poder naval. Diante dessa mentalidade, foram formando grandes negociadores, comerciantes, produtores

e empresários, que extraíam todos os recursos disponíveis, trabalhando duro pelo desenvolvimento (MAHAN, 1987).

A consequência óbvia desses movimentos foi um crescimento do transporte marítimo, da demanda comercial e das riquezas do país. Essa aptidão mostra quanto o caráter nacional é importante para o desenvolvimento do poder naval (MAHAN, 1987).

Para Mahan, o caráter nacional dos norte-americanos corrobora o desenvolvimento dos EUA como uma potência naval, e ainda completa afirmando que o povo norte-americano possui uma grande aptidão para o comércio e um espírito empreendedor capaz de identificar as fontes de riquezas (MAHAN, 1987).

#### 2.1.4 Caráter de governo

Para discutirmos os efeitos do caráter de governo ao que se refere a evolução do poder naval de um Estado, é necessário evitar uma tendência a filosofar. Como dizia Mahan:

“Deve-se notar que formas particulares de governo e suas instituições, conjuntamente com o caráter dos governantes, exerceram ocasionalmente influência muito acentuada no desenvolvimento do poder naval. [...]; a conduta do governo, por sua vez, corresponde ao exercício inteligente da vontade, que, caso seja sábia, enérgica e perseverante, ou o contrário, causará sucesso ou fracasso na vida de um homem ou de uma nação” (MAHAN, 1987, p. 46, tradução nossa)<sup>3</sup>.

Quando falamos de poder naval, podemos verificar que histórias de sucesso tem ocorrido em nações com governos que seguem uma direção inteligente sugestionado pelo espírito do povo (MAHAN, 1987).

Esse alinhamento, pode ser visto como perfeito, uma vez que temos uma decisão

---

<sup>3</sup> Original em inglês: *it must be noted that particular forms of government with their accompanying institutions, and the character of rulers at one time or another, have exercised a very marked influence upon the development of sea power. [...]; the conduct of the government in turn corresponds to the exercise of the intelligent will-power, which, according as it is wise, energetic and persevering, or the reverse, causes success or failure in a man's life or a nation's history* (MAHAN, 1987, p.46).

de governo inteligente, mas que ao mesmo tempo se alinha com o espírito de seu povo. Nem sempre é assim, uma vez que em regimes mais autoritários, na maioria das vezes, as vozes do povo e de seus representantes não são levadas em consideração.

## 2.2 NÍVEIS DA TEORIA DO PODER MARÍTIMO DE ALFRED T. MAHAN

Para Mahan, o preparo do poder naval era de suma importância e, até mesmo, seu emprego, caso fosse necessário, mas não se pode deixar de esclarecer que o mesmo Mahan estava convencido de que o comércio marítimo em tempo de paz era o caminho que os Estados deviam buscar para obter riquezas e conseguir destaque no cenário internacional.

Logo, para entendermos a Teoria do Poder Marítimo de Mahan é necessário enxergá-la em dois níveis. O primeiro seria um nível mais elevado, que se relaciona com o nível político e estratégico, que busca o desenvolvimento e o enriquecimento do Estado, já o segundo nível se relaciona com o operacional e o tático, em que o foco se dá por meio do emprego do poder naval, intrinsecamente ligado ao controle das LCM, ao domínio do mar e à proteção dos interesses do Estado.

Segundo Mahan, “A guerra deixou de ser a condição natural, ou mesmo normal, das nações e as considerações militares são simplesmente acessórios e subordinadas a outros interesses maiores” (HOLMES; YOSHIHARA, 2018, p.13, tradução nossa)<sup>4</sup>. Nesse contexto, Mahan destaca três elementos, que são: comércio, política e militar; e nos mostra como é fácil entender por que Estados buscam acesso a regiões distantes. A resposta está no interesse pelo comércio, que traz consigo as riquezas e, ao mesmo tempo, o acesso a esse comércio não

---

<sup>4</sup> Original em inglês: War has ceased to be the natural, or even normal, condition of nations,” he declared, “and military considerations are simply accessory and subordinate to the other greater interests (HOLMES; YOSHIHARA, 2018, p.13, tradução nossa).



se daria caso não houvesse um respaldo político e militar, dado tanto pela diplomacia quanto por uma marinha forte e capaz (HOLMES; YOSHIHARA, 2018).

Com essa visão, Mahan surge com esse conceito tripartite citado no parágrafo anterior, chamado por Holmes e Yoshihara de primeiro tridente do poder marítimo, que se divide em: comércio, que incluiu o comércio exterior e recursos em geral; o acesso político e o acesso militar. Essa parte é considerada a parte “lógica” e por alguns autores é chamada de filosofia do poder marítimo de Mahan (HOLMES; YOSHIHARA, 2018).

O segundo tridente funciona como a “gramática” da teoria de Mahan, sendo de natureza operacional e tática, mas nem por isso deixa de lado a importância do comércio. Nesse tridente podemos destacar três pilares, que são: produção interna, mercados exteriores e as marinhas mercante e de guerra com as bases navais avançadas. É nesse tridente da teoria que vemos uma forte ligação com o poder naval (HOLMES; YOSHIHARA, 2018).

É na “gramática” da teoria que encontramos a batalha decisiva e a garantia do acesso ao comércio por intermédio das forças armadas organizadas de um Estado, enquanto na “lógica” do poder marítimo de Mahan busca-se o acesso por razões comerciais, voltado para o enriquecimento do Estado.

Após observar os principais fatores condicionantes da teoria, fica claro entender o caminho tomado por alguns Estados, que viram esses fatores da teoria como pontos importantes para serem observados na evolução de seus poderes marítimos. Vimos, também, que a presente teoria possui dois níveis, sendo o primeiro ligado ao nível político e estratégico e o segundo ligado ao nível operacional e tático, mostrando que não só o preparo e emprego do poder naval possui importância, mas também o caminho singrado pelo incremento do comércio exterior, bem como as riquezas e desenvolvimento trazidos com essa atividade, que se mostra fundamental nesse processo de crescimento dos Estados.

### **3 O AVANÇO DA ESTRATÉGIA NAVAL CONTEMPORÂNEA DA RPC E OS DESAFIOS DAS REGIÕES AO SEU ENTORNO**

No capítulo anterior, tomamos conhecimento dos fatores condicionantes da Teoria do Poder Marítimo de Mahan e dos níveis em que deve ser interpretada. Ao entrarmos no terceiro capítulo deste trabalho, a intenção é analisar e apresentar de que forma se deu o avanço do poder marítimo da RPC e, conseqüentemente, a ascensão da estratégia naval da MELP, uma vez que para manter um poder marítimo forte, faz-se necessário um poder naval desenvolvido.

#### **3.1 A NECESSIDADE DE ASCENÇÃO DA MARINHA DO ELP**

Ao final da década de 1980, foi possível observar uma mudança de direção dos gastos orçamentários da RPC, com o aumento considerável dos gastos na área de defesa nacional. Além desse crescimento no setor de defesa nacional, que, mais tarde, colocou a RPC na segunda posição mundial no quesito dispêndio com a defesa, observamos também que esses gastos receberam um direcionamento maior para o poder naval e aéreo.

Certamente, fica claro quanto o crescimento do poder militar está ligado ao avanço do país no cenário internacional. Esse avanço de gastos na área da defesa, com foco no poder naval, tem ligação direta com as preocupações relacionadas aos possíveis conflitos no MCO<sup>5</sup> e no MSC<sup>6</sup>, que poderão vir a ocorrer por alguns dos seguintes motivos: presença

---

<sup>5</sup> Mar da China Oriental é um braço do Oceano Pacífico que faz fronteira com o continente asiático oriental e estendendo-se para nordeste a partir do Mar do Sul da China, ao qual está conectado pelo Estreito de Taiwan, entre Taiwan e a China continental. Disponível em: <<https://www.britannica.com/place/East-China-Sea>>. Acesso em: 4 jul. 2022.

<sup>6</sup> Mar do Sul da China é um braço do Oceano Pacífico que faz fronteira com o sudeste asiático continental. É delimitada no nordeste pelo Estreito de Taiwan; a leste por Taiwan e Filipinas; no sudeste e sul por Bornéu, o limite sul do Golfo da Tailândia, e a costa leste da Península Malaia; e no oeste e norte pelo continente asiático. Disponível em: <<https://www.britannica.com/place/South-China-Sea>>. Acesso em: 4 jul. 2022.

dos EUA no Leste da Ásia, territórios insulares de outros países ao longo do litoral, dependência externa ao fornecimento de energia e a questão da proteção das LCM, que é por onde passa a maior parte de seu comércio exterior (MORAES in CINTRA et al, 2015).

A expansão e modernização da MELP vem acompanhando o crescimento da marinha mercante e, conseqüentemente, o aumento dos fluxos comerciais. Dados retirados da *Stockholm International Peace Reserach Institute* (SIPRI) mostram que, em 1991, os gastos militares da RPC eram de vinte e três bilhões de dólares. Já em 2021, esses valores chegam a duzentos e setenta bilhões de dólares, representando um aumento de 12 vezes o valor, em 30 anos (SIPRI, 2021).

Em outubro de 2000, por ocasião da publicação de um documento de defesa da RPC, o governo deixou claro que as políticas de defesa ganhariam elevada importância e que a modernização militar ia acelerar (MORAES; CINTRA et al, 2015).

Esse esforço do poder naval militar chinês tem se concentrado, entre outras ações, na negação do uso do mar, que é uma característica das nações que, historicamente, possuem maiores preocupações com ameaças terrestres, buscando somente evitar que poderes marítimos ameacem invadir seu território pelo mar (ROSS, 2009).

Nessa direção de modernização, os investimentos no poder naval chinês têm apontado para a força de submarinos e mísseis balísticos antinavio e, também, para os sistemas C4ISR<sup>7</sup> (O'ROURKE, 2013). A invisibilidade que uma força de submarinos fornece ao poder naval é um elemento essencial na estratégia de negação do uso do mar, particularmente contra navios-aeródromo (ROSS, 2009). Essa força de submarinos chinesa,

---

<sup>7</sup> C4ISR é uma sigla criada e usada pelo Departamento de Defesa Norte-americana, que significa *Command, Control, Communications, Computers, Intelligence, Surveillance, and Reconnaissance*. Disponível em <<http://www.baesystems.com/en-us/productfamily/c4isr-systems>>. Acesso em: 14 de maio de 2022.

que vem se modernizando e ampliando, seria um grande obstáculo para os norte-americanos no Leste da Ásia, sendo um terrível obstáculo para os navios-aeródromo em um eventual conflito no MCO. Em um exemplo prático, essa força de submarinos chinesa poderia retardar a chegada dos norte-americanos para defender Taiwan de uma possível invasão da RPC (MORAES; CINTRA et al, 2015).

Além do crescimento da força de submarinos, a MEPL busca desenvolver uma força naval com amplo espectro, com capacidade de realizar uma série de missões próximas e distantes da costa, não só a negação do uso do mar, mas também a projeção de poder, conforme analisado no STRATFOR, em 2009, que disse:

Historicamente, a China tem sido muito mais um poder terrestre, satisfazendo nacionalmente, junto aos vizinhos, ou por meio da grande Rota da Seda, a maior parte das necessidades de sua sociedade agrícola. Nos últimos anos, porém, a China começou a desenvolver uma marinha expedicionária de águas azuis, resultado de sua transição de uma economia agrícola para uma economia industrial. A China, atualmente, necessita de recursos que se situam para além de suas costas, bem como novas e seguras rotas de comércio; e é preciso olhar para o mar para se alcançar esses imperativos (Stratfor. China's New Need for a Maritime Focus. Disponível em: <https://worldview.stratfor.com/article/china-s-new-need-maritime-focus>. Acesso em: 10 jul. 2022, tradução nossa)<sup>8</sup>.

Nesse sentido, se faz importante uma “marinha de águas azuis”<sup>9</sup> capaz de defender a costa chinesa, realizar operações a distâncias relativamente curtas e assegurar o funcionamento das LCM, das quais depende a economia do país (JANE'S, 2013). Ainda que o desenvolvimento de um poder marítimo equivalente ao norte-americano seja uma tarefa de longo prazo, a modernização chinesa passa a ser mais custosa aos norte-americanos para uma eventual tentativa de bloqueio naval contra o país (STRATFOR, 2012a) e essa modernização

---

<sup>8</sup> “Historically, China has been very Much a land power, getting most of what it needs for its agricultural Society domestically, from nearby neighbors or through the great Silk Road. In recent years, however, China has begun to develop a blue-water expeditionary navy, brought on by its transition from an agricultural economy to na industrial economy. China now needs resources from beyond its shores as well as new and secure trade routes, and it must look to the sea to achieve these imperatives.”

<sup>9</sup> Marinha de águas azuis possuem capacidade de operar em águas oceânicas. Revista da Escola de Guerra Naval (VIDIGAL, 2010).

passou a fazer parte dos cálculos estratégicos das forças armadas norte-americanas, influenciando o seu comportamento, o que constitui a própria essência do que se entende como poder (KAPLAN, 2014).

Outro ponto que é importante apresentar é a trajetória dos gastos de importações de equipamentos militares pela China nos últimos 30 anos. Com dados da SIPRI (FIG. 1, ANEXO A), podemos observar a evolução dos gastos militares na década de 1990, mais precisamente de 1998 em diante e, a partir de 2006, vemos uma queda considerável nessas importações, que não representa um desaquecimento do crescimento bélico chinês e sim um notório incremento da indústria de defesa da China, seja pela prática de engenharia reversa ou pela pesquisa e produção industrial interna (MORAES; CINTRA et al, 2015).

A expansão da RPC no cenário internacional nas últimas décadas nos mostra o quanto um Estado, que despertou para o mar e viu no comércio marítimo uma das principais ferramentas desse crescimento, precisa se preparar militarmente e elevar seus gastos com a defesa, de modo a estarem prontas para desafios maiores.

### 3.2 MODERNIZAÇÃO DA MARINHA DO ELP

Em 1978, Deng Xiaoping (1904 – 1997) assumiu as rédeas do Partido Comunista Chinês (PCC). Paralelamente, a RPC passou por inúmeras reformas econômicas, ultrapassando o Japão como segunda maior economia do mundo em 2010, e seus gastos militares cresceram dois dígitos anualmente desde a década de 1990. É importante ressaltar que, no final da década de 1970 e início dos anos de 1980, entre os quatro pilares estabelecidos no movimento de modernização da RPC, quais sejam: indústria, agricultura, defesa e ciência e tecnologia; a defesa foi encarada como a menos importante, o que fazia com que os recursos naquela época fossem mais empregados na modernização da indústria do país, bem diferente do que pode

ser visto nos dias de hoje, fruto é claro das preocupações eminentes, referentes às disputas no MSC, no MCO e Taiwan (GARCIA, 2019).

Não podemos falar do despertar chinês para a modernização de suas forças armadas, sem citar dois principais eventos que foram responsáveis para que isso ocorresse: um deles foi a Guerra do Golfo, em 1991, e o outro foi a crise do Estreito de Taiwan, em 1996.

O sucesso dos EUA na contenda contra as forças iraquianas de Saddam Hussein deixou o Alto Comando Chinês preocupado. O emprego de novas tecnologias pelos norte-americanos despertou a RPC para a necessidade de modernização. As forças navais norte-americanas eram capazes de lançar mísseis de cruzeiro e outras armas de precisão e, ainda, permanecerem fora do alcance das armas iraquianas e empregar veículos aéreos não tripulados, com uso o *Global Position System*<sup>10</sup> (GPS) para coordenar movimentos de forma eficaz e eficiente. Diante dessa demonstração de força e crescimento tecnológico empregados no conflito, os generais chineses tiveram que assumir que o ELP e a MELP estavam mal preparados para fazer frente aos desafios demonstrados na Guerra do Golfo (GARCIA, 2019).

O segundo evento importante, que foi a crise no Estreito de Taiwan, quando o 2º Corpo de Artilharia do ELP, encarregado dos mísseis estratégicos, começou a disparar mísseis balísticos de curto alcance próximo a dois portos de grande importância de Taiwan, tudo para chamar atenção e retaliar o evento que marcava as primeiras eleições democráticas<sup>11</sup> de Taiwan. Em respostas, os EUA enviaram dois porta-aviões para as proximidades do local e

---

<sup>10</sup> Global Position System (GPS), em português, Sistema de Posicionamento Global, trata-se um sistema de satélites em órbita, transmitindo sinais continuamente em direção à Terra, que permite que a posição de um dispositivo receptor na superfície da Terra ou perto da superfície da Terra seja estimada com precisão a partir da diferença nos tempos de chegada dos sinais. Disponível em: <<https://www.dictionary.com/browse/global-positioning-system>>. Acesso em: 21 jun. 2022.

<sup>11</sup>As primeiras eleições democráticas de Taiwan ocorreram em 23 de março de 1996, foi a primeira eleição presidencial direta realizada no país. Disponível em: <<https://web.cec.gov.tw/english/cms/pe/24830>>. Acesso em: 21 jun. 2022.

começaram a realizar uma série de exercícios militares, além de monitorar as ações do ELP (GARCIA, 2019).

Esse segundo evento só confirmou o que já se sabia, e os chineses se viram distantes de poder reconquistar seus objetivos, haja vista as demonstrações de força norte-americana na região, em comparação ao despreparo da MELP na época. A ação de modernização de suas forças armadas, em especial da força naval, tornava-se obrigatório para um Estado que tinha em mente objetivos estratégicos voltados para o mar, sejam eles a reconquista do território de Taiwan, a expansão do comércio marítimo ou até mesmo conquista de espaços marítimos que trouxessem mais segurança ao comércio.

Após esses eventos, o ELP decidiu revisar seus procedimentos, doutrinas e estratégias, além de investir pesado na compra de armas no exterior, modernização do parque industrial de defesa e desenvolvimento de armas e meios dentro da própria RPC (GARCIA, 2019).

A revisão de estratégias e doutrinas foram um dos primeiros passos dado para a modernização das forças armadas chinesas. Embora seja difícil o acesso a essas doutrinas, o Livro Branco de Defesa chinês revela três doutrinas reconhecidas publicamente, que seriam: a Defesa Ativa, a Guerra Local sob condições de informatização e a Guerra Popular (GARCIA, 2019).

No conceito básico de Defesa Ativa, pode se dizer que os chineses não seriam os primeiros a atacar, ou seja, deveriam receber um ataque do inimigo, para depois reagir. Entretanto, parte da doutrina diz que não se precisa aguardar o ataque na forma cinética, movimentos e ameaças já seriam suficientes (GARCIA, 2019).

Ao vermos essa doutrina de Defesa Ativa, podemos observar que embora o ELP não queira tomar a primeira ação em um conflito ele, necessariamente, precisa estar pronto

para enfrentar uma invasão e, observando quem poderia ser esses inimigos, o investimento, desenvolvimento e a modernização da MELP se tornou primordial para fazer frente aos desafios impostos nas últimas décadas.

Na doutrina de Guerra Local sob condições de informatização tem-se a percepção de que as guerras do futuro estarão nas proximidades da RPC e precisará de uma tecnologia avançada para vencer o combate. Essa doutrina dá ênfase à assimetria de poder entre a RPC e seus principais possíveis adversários, que seriam EUA e Japão (GARCIA, 2019).

No entendimento deste autor, o reconhecimento dessa assimetria é basicamente o entendimento do alto escalão das forças armadas dizendo que embora tenha avançado no desenvolvimento de suas forças armadas, ainda estão aquém da capacidade demonstrada pelos EUA perante o mundo nas últimas décadas.

Nessa doutrina de Guerra Local é que se encontra o princípio do *Anti-access/Area Denial*<sup>12</sup> (A2/AD<sup>13</sup>). O A2/AD requer armas específicas que permitam a RPC restringir, impedir ou deter os movimentos inimigos na área que se deseja obter e manter o controle. No contexto de uma tomada de Taiwan, essa doutrina seria extremamente relevante, uma vez que impediria ou atrasaria a chegada de forças norte-americanas ou japonesas nas proximidades de Taiwan, em uma operação de retomada do território, o que faria a RPC ganhar tempo (GARCIA, 2019).

A terceira doutrina, chamada de Guerra Popular, é a mais antiga das três e precisou ser modificada para se adaptar as realidades e desafios enfrentados no presente século. Essa doutrina, basicamente, traz com ela a importância do envolvimento da população

---

<sup>11</sup>A estratégia de *anti-access* tem a intenção de impedir ou degradar a capacidade de uma força de entrar em uma área operacional e pode ser geográfica, militar ou diplomática. Já a estratégia de *área denial*, trata-se de ações contra às forças que já estão dentro da área de operação. Disponível em: <[https://www.rand.org/pubs/research\\_reports](https://www.rand.org/pubs/research_reports)>. Acesso em: 4 jul. 2022.

<sup>13</sup>Neste trabalho será utilizado o acrônimo A2/AD dos termos Antiacesso (A2) e Negação de Área (AD).



e o emprego de recursos naturais e industriais da RPC para apoio às forças armadas (GARCIA, 2019).

Em que pese a RPC reconhecer as três doutrinas, o movimento que vem sendo feito de aquisição de meios e armas, bem como o desenvolvimento e fabricação nacional desses itens, leva a crer em uma tendência de fortalecimento da Guerra Local sob condições de informatização. As principais importações chinesas, a partir de meados da década de 1990, foram as seguintes: 300 caças Sukoi; 12 submarinos da classe Kilo, equipados com mísseis antinavio de última geração, quatro cruzadores da classe Sovremenny e cerca de mil baterias de mísseis terra-ar S-300, capazes de rastrear simultaneamente uma centena de alvos (GARCIA, 2019).

Entre os principais programas nacionais de desenvolvimento que tiveram sucesso, encontram-se o desenvolvimento e produção do submarino da classe Yuan. A Jane's Navy International informou que esses submarinos podem ser equipados com propulsão independente do ar, permitindo uma elevada autonomia a esses meios, que são capazes de detectar e destruir meios navais de superfície, além de possuírem um elevado poder de dissuasão. Essa autonomia para permanecer semanas mergulhado sem necessitar vir a superfície aumenta ainda mais sua capacidade de ocultação e, conseqüentemente, a capacidade de negação de área, uma vez que qualquer navio de superfície que adentre uma área coberta por esses submarinos poderia ser abatido (GARCIA, 2019). Na atualidade, a MELP opera com cerca de 59 submarinos (IISS, 2021), e possui a intenção de expandir, aumentando consideravelmente sua habilidade em realizar operações de A2/AD.

A RPC também investiu e vem produzindo uma série de navios de superfície modernos, entre eles Fragatas, Corvetas e Cruzadores, equipados com mísseis, o que os tornam eficazes nas operações marítimas realizadas no seu entrono. Outro projeto de grande

monta de modernização da MELP é a construção, no seu parque industrial de defesa, de porta-aviões (GARCIA, 2019). Atualmente, a MELP possui três porta-aviões, sendo o terceiro lançado em junho de 2022.

O ELP investiu em um outro projeto importante, onde intensificou a produção de mísseis de curto a longo alcance, que possuem capacidades de atingir distâncias de mil a três mil quilômetros, com seus lançadores instalados ao longo da costa chinesa, o que seria uma espécie de guarda-chuva na costa, protegendo uma imensa área marítima de qualquer tentativa de usurpação por outro Estado, tendo capacidade eficiente de impedir a liberdade de movimento dos EUA e do Japão na região protegida (GARCIA, 2019).

Outro potencial pertencente a MELP são as minas navais. Possuindo mais de trinta variedades, a MELP tem capacidade de minar extensas áreas, lançar minas de deriva ou até mesmo sofisticadas minas de controle remoto. Essas minas possuem a capacidade de serem lançadas em um local específico e ficar aguardando a passagem de um determinado navio que possua a assinatura acústica para a qual a mina foi programada para disparar. Sabe-se que os EUA não possuem capacidades suficientes para realizar operações de contramedidas de minagem tão longe dos portos americanos, o que daria uma vantagem significativa a RPC, uma vez que poderia realizar bloqueio de áreas marítimas utilizando as referidas minas (GARCIA, 2019).

Outra arma que ganhou destaque e que foi desenvolvida pelos chineses é a plataforma lançadora de míssil balístico convencionais ou nucleares, chamada de DF-21D. Essa arma possui a capacidade de atingir navios norte-americanos do porte do porta-aviões da classe Nimitz e fazer grandes estragos (GARCIA, 2019).

Embora se tenha uma visão de que a RPC não queira confrontar a supremacia norte-americana de forma global, a RPC se preocupa com os EUA e o Japão querendo desafiar

sua posição como potência regional nas proximidades (GARCIA, 2019).

Diante do exposto, vimos que a preocupação da RPC com a modernização e a capacitação de sua força naval é enorme, e permanecer pronta para encarar os desafios que possam vir a surgir é um dos maiores objetivos que as autoridades chinesas possuem na atualidade. A complexidade do entorno estratégico chinês impôs esse desafio e a RPC vem enfrentando de forma aguerrida.

### 3.3 REGIÕES DE INTERESSE PARA A RPC

Essa modernização militar da RPC está diretamente relacionada com um de seus principais objetivos militares que é manter um controle no seu entorno estratégico, que abrange as seguintes áreas: Península Coreana, Taiwan, a parte continental do Sudeste Asiático, Mar Amarelo<sup>14</sup>, MCO e MSC. Uma característica marcante dessa expansão da RPC é uma movimentação lenta na região, sem realizar operações militares de grande vulto, e estabelecendo de forma gradual fatos consumados, implicando, naturalmente, uma mudança na estratégia norte-americana na região (ROY, 2013; STRATFOR, 2013). Nesse contexto, mesmo com uma movimentação lenta, sem interesse de chegar numa contenda de fato, existem pontos que podem desenvolver conflitos na região, sendo eles: a reivindicação chinesa pela união com Taiwan, acusações mútuas entre a RPC e os EUA por ações no ciberespaço, disputas por territórios marítimos no MSC, uma transição de poder na Coreia do Norte, disputas por territórios marítimos com o Japão e um conflito com a Índia (DOBBINS, 2011).

---

<sup>14</sup>O Mar Amarelo está posicionado ao Norte do Mar da China Oriental e é margeado pelo litoral chinês ao Norte, a Oeste pela Coreia do Norte e a Leste pela Coreia do Sul. Disponível em: <[https:// www.worldatlas.com/seas/yellow-sea.html](https://www.worldatlas.com/seas/yellow-sea.html)>. Acesso em: 4 jul. 2022.

Nesse diapasão turbulento, este autor entende que os desafios no entorno estratégico chinês são diversos e o preparo de suas forças armadas se faz crucial para sua permanência entre as maiores potências mundiais da atualidade. Para um melhor entendimento, vamos discorrer sobre os principais aspectos que envolvem as regiões de interesse.

### 3.3.1 A China e a segurança no Leste da Ásia

A avaliação que se tinha até 1990 é de que os investimentos dos chineses na área de defesa não eram suficientes para produzir forças armadas modernas capazes de mudar o *status quo* do poder na região Leste da Ásia, mas, a partir de 1990, a situação mudou de figura, haja vista um incremento vertiginoso por parte da RPC que fez com que os gastos com a defesa aumentassem em sete vezes no período de 1993 a 2013, como mencionado no início deste capítulo (MORAES; CINTRA et al, 2015).

Destacando a possibilidade de disputas por áreas marítimas no MCO e no MSC, temos nessas regiões alguns países com poderio militar significativo (Coreia do Sul, Taiwan e Japão), além de termos a presença dos EUA, que possui laços estreitos com esses países. Uma contenda nessas regiões traria riscos à segurança e estabilidade no Leste da Ásia e, caso um conflito ocorra, teríamos consequências econômicas e políticas globais (MORAES; CINTRA et al, 2015).

Nessa região de disputas, a RPC aparece como um protagonista, tanto para interesses geopolíticos quanto para interesses econômicos. No que tange aos interesses geopolíticos, podemos observar um certo incomodo chinês referente à situação marítima, uma vez que a existência de ilhas de outros países na região poderiam facilmente servir como bases para a realização de um bloqueio naval contra o Estado chinês, o que conhecemos na

literatura como “primeira cadeia de ilhas”<sup>15</sup>, que se estende desde o sul do Japão até a ilha de Bornéu, passando pelas Filipinas. Se não bastasse, também existe a “segunda cadeia de ilhas”<sup>16</sup>, que se estende da ilha de Honshu, até a ilha de Nova Guiné, passando por Guam (FIG. 2, ANEXO A).

Esses territórios, que dão absolutas condições à realização de um bloqueio naval contra a RPC, aliados à presença dos EUA, fazem com que a RPC passe a vê-los como perímetros de segurança a serem defendidos, passando a ter como objetivos o controle dos espaços marítimos e a necessidade de possuir meios capazes de bloquear essa evolução nas águas jurisdicionais chinesas, levando ao investimento pesado da modernização da força naval chinesa. Nesse contexto, podemos ver com clareza as características mahanianas na evolução da MELP que será apresentado no próximo capítulo deste trabalho.

Outro fator que incomoda a RPC e se mostra muito desfavorável para o país do ponto de vista marítimo é a existência de uma Zona Econômica Exclusiva (ZEE) de dimensões pequenas, seja em relação à extensão territorial, ao tamanho da população e a dimensão da economia. Quando paramos para verificar a extensão do Mar Territorial (MT) mais a ZEE da RPC, bem como a relação desses com a área terrestre, observamos o quanto a RPC possui extensões diminutas para seu tamanho territorial e sua importância global. Segundo dados do Flanders Marine Institute, os EUA possuem 12,20 milhões de quilômetros quadrados de MT mais ZEE, o Japão possui 4,07 milhões de quilômetros quadrados de MT mais ZEE, já a RPC possui 0,88 milhões de quilômetros quadrados de MT mais ZEE. Quando se fala da relação entre essas extensões com a área terrestre, a dos EUA é de 1,24; do Japão é de 10,78 e da RPC

---

<sup>15</sup>A Primeira cadeia de ilhas é composta principalmente pelas Ilhas Kuril, Arquipélago japonês, Ilhas Ryu Kyu, Taiwan, Norte da Filipinas e Bornéu; da Península Kamchatka até a Península Malaia. Disponível em:<<https://www.internationalaffairs.org.au>>. Acesso em: 4 jul. 2022.

<sup>16</sup>A Segunda cadeia de ilhas é composta principalmente pelas Ilhas Bonin, ilhas Marianas, Ilhas Caroline; de Honshu à Nova Guiné. Disponível em:<<https://www.internationalaffairs.org.au>>. Acesso em: 4 jul. 2022.

é 0,09. Esses números são completamente desfavoráveis à RPC, deixando claro que a Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar (CNUDM), aprovada em 1982, não beneficiou a RPC (MORAES; CINTRA et al, 2015).

A RPC proclama uma área de três milhões de quilômetros quadrados, isso mostra claramente a insatisfação chinesa com a divisão de áreas marítimas sugerida pela CNUDM. Esses números revelam uma desvantagem enorme em relação aos demais países da região, o que levou a RPC a se preocupar em expandir seu poder naval, haja vista o interesse de expandir seus espaços marítimos (MORAES; CINTRA et al, 2015).

### 3.3.2 Mar da China Oriental (MCO)

Quando paramos para observar o MCO, observamos que a RPC está praticamente bloqueada. Existe uma faixa de territórios que vai de Kyushu (Japão) até Taiwan, passando por Okinawa, essa faixa, como já vimos no mapa (FIG. 2, ANEXO A), é chamada de primeira cadeia de ilhas. Nessa área existe uma ostensiva presença militar dos EUA, principalmente, em Okinawa e na Coreia do Sul (MORAES; CINTRA et al, 2015).

Essa força naval norte-americana, aliadas as capacidades japonesas e sul-coreanas, bem na frente da costa chinesa teriam condições de realizar um bloqueio naval ao país e afetar severamente a economia e a capacidade de projeção de poder chinês (MORAES; CINTRA et al, 2015).

As principais regiões de disputas são as Ilhas Senkaku (Diaoyu, na China), atualmente controlada pelo Japão, mas são reivindicadas pela RPC e por Taiwan. A segunda disputa em importância é a área chamada de Campo de Chunxiao (Shirakaba, no Japão), essa região fica localizada dentro da ZEE da China, mas apenas a quatro quilômetros a oeste da linha que faz a separação entre as zonas, e lá existe a exploração de gás natural por parte da

RPC, mas o Japão alega que essa exploração está afetando diretamente áreas que estão localizadas em seu mar territorial e reivindicam participação nessa exploração (STRATFOR, 2010; 2011; 2012b).

Todas essas disputas nos levam a certeza de que a busca por capacidades independentes para fazer frente aos possíveis inimigos se faz necessária, isso fez com que a RPC voltasse seus olhares para o mar nos últimos 30 anos e resolvesse investir pesadamente no crescimento do poder naval.

### 3.3.3 Mar do Sul da China (MSC)

As condições no MSC são mais favoráveis. Essa região tem uma importância fundamental do ponto de vista global, uma vez que nela estão situadas as principais LCM e infraestruturas portuárias do mundo (MORAES; CINTRA et al, 2015).

A existência de hidrocarbonetos, a presença de estados notadamente mais fracos que a RPC, o denso tráfego marítimo, a menor presença norte-americana na região e o enorme interesse do governo chinês em estruturar essa região para ser uma espécie de Caribe Chinês são elementos que representam vantagens substanciais para a RPC nessa região em comparação ao MCO (KAPLAN, 2014).

Se for feita uma comparação entre os gastos militares dos possíveis opositores da RPC no MCO com os possíveis opositores do MSC, iremos concluir que os países do entorno do MSC são bem mais fracos militarmente do que aqueles do MCO e, soma-se a isso, a menor presença americana nesse TO. As disputas na região são entre RPC e Vietnã, RPC e Filipinas, ficando claro a supremacia chinesa em caso de conflito (MORAES; CINTRA et al, 2015).

Atividades da RPC no MSC tiveram início com a expulsão de forças vietnamitas de Parcel, na década de 1970, mas adiante, em 1988, Pequim conquistou o arquipélago de

Spratly, quando tomou Fiery Reef do Vietnã. As tensões continuaram em 1995, depois que os filipinos descobriram que a RPC havia ocupado o Mischief Reef, região reivindicada pelas Filipinas e localizada dentro de sua ZEE (GARCIA, 2019).

Esses eventos citados nos parágrafos anteriores serviram para mostrar a superioridade da RPC nessa região, considerando-se as péssimas condições das forças armadas dos possíveis oponentes. Outros pontos importantes referem-se à posição estratégica para o contexto do comércio marítimo, uma vez que se trata de uma região de passagem de diversas LCM e, ainda, possui recursos marítimos a serem explorados, o que despertou os interesses das autoridades chinesas. A criação de uma zona tampão nessa região, ajudaria a RPC a monitorar potências rivais como os EUA e o Japão, facilitando a RPC na proteção de seu território e suas áreas marítimas.

No MSC, as intenções chinesas na região vão além dos limites das ZEE dos dois grupos de ilhas: as Paracel (Xisha, na China) e as Spratly (Nansha, na China). Essas reivindicações são conhecidas como “nove traços” (FIG. 3, ANEXO A) e conforme visto em um documento oficial do país em 1953, representaria cerca de 80% da área do MSC. Esses territórios e suas respectivas águas são disputados, total ou parcialmente, pelos seguintes países: Brunei, Filipinas, Malásia, Taiwan e Vietnã (MORAES; CINTRA et al, 2015).

Nesse contexto de disputas, observa-se pequenos movimentos da RPC no MSC, o que passa uma imagem de grande potência responsável ao resto do mundo. Essa estratégia de pequenos avanços, tomados em decisões de política externa na região, vem ampliando seu domínio territorial e criando condições para prosseguir com essa postura, somando-se à grande diferença de poder entre a RPC e os demais países da região (MORAES; CINTRA et al, 2015).

Um outro organismo, que se adiciona a ação da MELP na região, é a Guarda



Costeira da China, controlada pela Administração Estatal dos Oceanos. Esse novo instrumento utilizado para as reivindicações chinesas no MSC foi uma grande sacada, uma vez que são navios civis, guarnecido por civis e que chamam muito menos atenção do que navios de guerra de grande porte, que seriam facilmente identificados e vistos como atos hostis na região, além de fazerem os Estados limítrofes procurarem apoio de países como os EUA e Índia (MORAES; CINTRA et al, 2015).

O MSC representa um papel importante para estabilidade da RPC e a sobrevivência do PCC. Essa importância se materializa em maior presença física na região, uma vez que a RPC reivindica grandes áreas no MSC, possuindo instalações militares no Arquipélago de Spratly, quais sejam helipontos, radares, antenas e canhões navais. Além da ocupação, a RPC amplia a área da ilha de forma artificial, construindo pistas de pouso, portos, guarnições e plataformas de armas (GARCIA, 2019).

Outra maneira com que a RPC vem tomando partido no MSC é exercendo controle sobre a atividade de pesca na região através de suas agências marítimas. Essas agências vêm impedindo a atividade de pesca por embarcações das Filipinas e do Vietnã, o que já resultou que navios chineses abrissem fogo na região, como ocorreu em março de 2013 (GARCIA, 2019).

A RPC afirma que essas ações são realizadas com o intuito puro e simples de manter a reprodução da vida marinha na região, garantindo uma segurança alimentar para todos, mas nem as Filipinas e nem o Vietnã acreditam nesse argumento, e sim, que a RPC quer ter um controle cada vez maior do MSC (GARCIA, 2019).

Durante este capítulo, observamos que a RPC despertou para a necessidade de ter um poder naval capaz de enfrentar os desafios da atualidade. Isso fez com que ao longo das últimas três décadas os gastos com a defesa aumentassem consideravelmente, o que possibilitou a importação de uma série de meios e equipamentos militares, a execução de

vários projetos no campo da defesa e o desenvolvimento do parque industrial militar, levando a redução de custos com importação. Esses pontos levantados, alinhados com uma reformulação da estratégia de defesa, levam a RPC a um outro nível regional e global, e a permitem uma melhor posição de negociação em suas regiões de interesse.

No próximo capítulo, vamos mostrar o quanto às ideias da Teoria do Poder Marítimo de Mahan contribuíram com esse processo em que a RPC está inserida.

#### 4 OS PRINCIPAIS PONTOS DE ADERÊNCIA DO PODER MARÍTIMO CHINÊS COM A TEORIA DE ALFRED T. MAHAN

Nos dias de hoje, podemos observar que as marinhas europeias estão em trajetórias diferentes das marinhas asiáticas, parece que se tem um novo entendimento de que o poder marítimo seria agora mais uma questão de polícia e não de confrontos armados para determinar quem vai comandar (HOLMES; YOSHIHARA, 2018).

Para entendermos melhor, basta saber em qual viés estratégico a RPC se enquadra, se é numa tendência de seguir uma estratégia de mentalidade ofensiva ou se é uma estratégia de mentalidade defensiva. Segundo o professor Geoffrey Till<sup>17</sup>(1945 - ), do King's College London, os europeus estão entrando em um perspectiva “pós-moderna” e “pós-mahaniana” sobre o poder marítimo, se baseando mais em missões não combatentes, destinadas a manter a boa ordem no mar, e não atacar frotas inimigas. Já os asiáticos, diz Till, estão exatamente no caminho intelectual oposto. A Ásia está entrando em um mundo “moderno”, “neo-mahaniano”, mundo semelhante ao habitado pelas potências marítimas ocidentais e pelo Japão nos dias de Mahan (HOLMES; YOSHIHARA, 2018).

Na contramão desses movimentos realizados pelas marinhas europeias, em dezembro de 2006, o então presidente chinês Hu Jintao (1942 - ), disse para um grupo de oficiais da MELP: “Devemos nos esforçar para construir uma marinha popular poderosa que possa se adaptar à sua missão histórica durante um novo século e um novo período. A frota deve estar pronta para defender os interesses chineses a qualquer momento. É uma tarefa

---

<sup>17</sup>Geoffrey Till nasceu em Londres, em 14 de janeiro de 1945, é um historiador naval britânico e professor de Estudos Marítimos no Departamento de Estudos do King's College London. Disponível em:<[https://www.military-history.fandom.com/wiki/Geoffrey\\_Till](https://www.military-history.fandom.com/wiki/Geoffrey_Till)>. Acesso em: 17 jul. 2022.

gloriosa” (HOLMES; YOSHIHARA, 2018, p. 5, tradução nossa)<sup>18</sup>.

O historiador Paul Kennedy<sup>19</sup> (1945 - ), da Universidade de Yale, observa que houve uma descontinuidade na história marítima da RPC, uma vez que a Dinastia de Ming (1368 – 1644) desmantelou a marinha mais formidável do mundo, conhecida como a frota do tesouro, do Almirante Zheng He (1371 – 1433). Após toda essa história, os chineses acordaram para realidade do presente e se lançaram rumo ao empreendedorismo marítimo, com a consciência de que precisam ter uma marinha de grande porte. A RPC passou a demonstrar suas ambições em possuir porta-aviões, adquirir submarinos e lançar projetos nacionais, tanto convencional como nuclear, e se equipar com navios de superfície capazes de lançar mísseis de alta tecnologia. Nesse contexto, as palavras do Presidente Hu Jintao são mais do que frases ao vento e demonstram a real preocupação da RPC (HOLMES; YOSHIHARA, 2018).

Com o intuito de melhor analisar alguns pontos de aderência entre a Teoria do Poder Marítimo de Mahan e a realidade presenciada na RPC ao longo dos últimos trinta anos, a partir de agora dividiremos o capítulo em dois pontos, tentando apresentar as ligações existentes com os fatores condicionantes mutáveis e imutáveis da teoria.

#### 4.1 ADERÊNCIA RELACIONADA AOS FATORES CONDICIONANTES IMUTÁVEIS

Nesta parte do trabalho, daremos destaque à aderência encontrada entre a MELP e a RPC nos últimos 30 anos com os fatores condicionantes: posição geográfica e conformação

---

<sup>18</sup>Original em inglês: “We should endeavor to build a powerful people’s navy that can adapt to its historical mission during a new century and a new period.” The fleet should stand ready to uphold Chinese interests “at any time.” “It is a glorious task.” (HOLMES; YOSHIHARA, 2018, p. 5).

<sup>19</sup>Paul Kennedy, nasceu em junho de 1945, em Wallsend, Reino Unido, é Diretor de Estudos de Segurança Internacional em Yale. É conhecido internacionalmente por seus escritos e comentários sobre questões políticas, econômicas e estratégicas globais. Tornou-se Comandante da Ordem do Império Britânico em 2000 por serviços à História e eleito membro da Academia Britânica em junho de 2003. Disponível em: <<https://history.yale.edu/people/paul-kennedy>>. Acesso em: 17 jul. 2022.

física da teoria de Mahan.

Iniciamos com um dos fatores condicionantes de Mahan, visto no capítulo 2 deste trabalho, a posição geográfica, ao falarmos das bases operacionais construídas e financiadas pela RPC, podemos observar as vantagens que são agregadas em termos de posicionamento. Como exemplo, a base que foi construída na ilha de Hainan, que possui capacidade de atracar navios de superfície e, também, as condições necessárias para atracação de submarinos nucleares (HOLMES; YOSHIHARA, 2018). Especificamente, essa base encontra-se próximo ao Estreito de Malaca, que, automaticamente, proporciona uma vantagem em termos de posição geográfica aos chineses, já que esse estreito é um importante ponto de passagem das LCM ligadas à RPC.

Segundo Holmes, Mahan exortou as marinhas a tomarem a ofensiva, caso a guerra lhe fosse imposta, mas nunca defendeu a rivalidade naval por si mesma. Ele instou as potências marítimas a se protegerem da probabilidade de conflito militar, mantendo suas opções em aberto, levando sua construção lógica para além do campo de batalha e para o domínio da diplomacia em tempo de paz. Mahan escreveu que a estratégia naval difere da estratégia militar, pois tinha como objetivo fundar, apoiar e aumentar, tanto na paz quanto na guerra, o poder marítimo de um país. Encontrar e garantir pontos críticos no mar é uma maneira de reforçar o poder marítimo em tempo de paz, assim como manter os acessos abertos aos mercados e bases operacionais (HOLMES; YOSHIHARA, 2018).

Essa era a visão mahaniana, e em muito se aproxima do que podemos ver hoje na RPC, onde esse movimento, que vem sendo realizado desde a década de 1990 até os dias atuais, representa, basicamente, toda essa preocupação da RPC com seu livre acesso ao MCO e ao MSC, bem como a proteção das LCM, que são responsáveis por manter o comércio internacional da segunda maior economia do mundo em plena operação. Mais uma vez, este

autor aproveita para enfatizar a importância que a RPC vem dando a posição geográfica, tendo em vista que a preocupação em controlar pontos estratégicas vem crescendo cada vez mais. Nesse mesmo entendimento, defendemos a importância dada a conformação física, outro fator condicionante de Mahan, demonstrada pela capacidade de possuir bons portos. No mapa anexo a este trabalho fica claro o quanto a busca por um melhor posicionamento estratégico em pontos críticos se faz importante para o crescimento buscado pela RPC (FIG. 4, ANEXO A).

#### 4.2 ADERÊNCIA RELACIONADA AOS FATORES CONDICIONANTES MUTÁVEIS

Nesta parte do trabalho daremos destaque à aderência encontrada entre a MELP e a RPC nos últimos 30 anos com os fatores condicionantes: caráter nacional e caráter de governo da teoria de Mahan.

Do final da década de 1980 aos dias atuais, a mudança de direção estratégica idealizada pelo Almirante Liu Huaqing (1916 – 2011), Comandante da MELP de 1982 a 1988, fez com que a RPC buscase emvidar esforços com o intuito de ampliar e modernizar a MELP. Os recursos alocados em investimentos no setor militar foram aplicados em diversos programas na área de construção naval, aquisição de plataformas e armas, desde mísseis balísticos e de cruzeiro a aeronaves, submarinos e navios de superfície, incluindo navios aeródromos (O'ROURKE, 2018).

Desde o início do presente século, a MELP vem melhorando suas capacidades, incorporando uma série de meios. O ritmo de aquisição e construção torna claro o quanto se busca uma rápida ampliação da frota e suas habilidades. Destacamos nesse esforço, a alta prioridade que foi dada à força de submarinos (O'ROURKE, 2018).

Com relação aos navios aeródromos, o seu primeiro foi comprado na Rússia e

começou a operar em 2012. O referido navio possui algumas limitações, não dispondo de sistema de lançamento por catapulta, sendo dotado de convés tipo *ski jump*, limitando a carga de decolagem de suas aeronaves embarcadas. O segundo navio aeródromo da RPC foi construído na própria RPC e lançado ao mar em 2017, antes disso, já em 2015, havia sido dado início ao projeto do terceiro navio aeródromo (O'ROURKE, 2018). O lançamento ao mar desse terceiro navio aeródromo da MELP foi realizado em junho de 2022, como falado no capítulo anterior e representa, claramente, todo esse engajamento da RPC em investir na construção e lançamento de meios navais que elevem o poder naval do Estado.

Além da importância dada aos submarinos e aos navios aeródromos, nos últimos anos foram comissionados uma série de modernos meios de superfície, entre contratorpedeiros e fragatas, o que traduz essa nova postura estratégica da RPC de operar em águas azuis.

Dessa forma, os investimentos no setor militar, com ênfase nos meios navais, trouxeram o crescimento e a modernização da MELP, o que demonstra uma clara mudança na postura política do Estado e um alinhamento do fator condicionante caráter de governo, visto na Teoria do Poder Marítimo de Mahan.

Quando paramos para observar os movimentos no continente asiático, percebemos que não apenas a RPC está preocupada com a reestruturação e a modernização de sua marinha, mas também vemos esse movimento no Japão, na Coreia do Sul, na Índia, na Austrália e em outros países. Esses movimentos nos fazem entender a importância que a região do Pacífico e do Índico tomou dentro do cenário internacional, uma vez que passou a ser local de passagem das principais LCM do globo terrestre, sendo de vital relevância para as economias das principais potências mundiais. Essa reestruturação e modernização da MELP tem muita aderência com o primeiro tridente da teoria de Mahan, citado no capítulo 2 desse

trabalho, e, também, chamado de parte “lógica” da teoria, em que destacamos o acesso ao comércio exterior, respaldado por uma política externa bem-posicionada e um força militar preparada para qualquer intempérie que venha a ocorrer, reforçando os aspectos relacionados ao caráter de governo.

Sob a ótica de autores como Kaplan, Till e Kennedy, podemos apontar um crescimento acentuado da MELP no MCO e no MSC e, ao mesmo tempo, percebe-se uma estagnação da marinha norte-americana, bem como um movimento contrário das marinhas europeias em comparação às marinhas asiáticas, o que nos leva a concluir que existe uma grande possibilidade de mudança do cenário na região. Essa mentalidade neo-mahaniana da MELP, apontada por Geoffrey Till, contribui para entendermos o movimento atual na busca pelo Estado da arte em termos de meios e tecnologias, como vimos no capítulo 2 deste trabalho, em que a chamada “gramática” da teoria visa garantir o acesso ao comércio marítimo por intermédio da garantia estabelecida pelas forças armadas organizadas. Nesse contexto, a própria MELP, incentivada pela política de governo, buscou ao longo desses trinta anos uma nova posição no cenário global, o que reforça esse novo posicionamento do caráter de governo e do caráter nacional.

Como apoio à análise anterior, podemos destacar trechos mahanianos que diziam que o mar era uma ampla área comum, sobre a qual os homens podiam passar em todas as direções. A comunicação significava a passagem segura por esse meio aquoso, no qual é o elemento mais importante. Além disso, ainda, Mahan dizia que a eminência do poder marítimo estava em sua capacidade de controlar as LCM, juntamente, com pontos críticos que possam facilitar ou impedir o fluxo de navios mercantes e forças navais. Essa capacidade de manter a segurança das comunicações para o seu país e interromper o acesso para o seu adversário afeta diretamente o vigor de um Estado (HOLMES; YOSHIHARA, 2018).



A partir desse momento, iremos falar sobre uma importante estratégia de cunho político-econômico da RPC. Trata-se da Nova Rota da Seda, conhecida como *Belt and Road Initiative* (BRI), que foi levantada inicialmente em 2013 e vem sendo caracterizada por ser uma ambiciosa estratégia chinesa, que busca afirmar a liderança do país na região eurasiática por meio de complexos sistemas de infraestrutura física de transporte, energia e comunicação. Essa estratégia fortalece a influência da RPC no seu entorno regional e estende o alcance de suas iniciativas para outros continentes, e faz com que a RPC busque reconquistar o sistema sinocêntrico, criando uma sólida base capaz de potencializar sua projeção global (PAUTASSO; UNGARETTI, 2017).

Assim, a BRI, incluindo sua estratégica dimensão marítima, é parte da chamada Diplomacia de Grande País, estando em consonância com o grande processo de revitalização nacional estabelecido pela RPC. (JINPING, 2018).

Nesse momento, daremos atenção às LCM e a estratégia do “Colar de Pérolas”. Atualmente, todas as necessidades energéticas da RPC têm sido, de forma crescente, supridas com a importação de petróleo da África e do Golfo Pérsico. As LCM por onde passam essas importantes fontes de energias transitam pelo oceano Índico e por pontos focais, como o Estreito de Malaca, e sua proteção, seguindo o preceito de Mahan, não deve deixar de ter apoio de bases marítimas avançadas. Nesse sentido, a estratégia do “Colar de Pérolas” faz alusão a uma estratégia chinesa de estabelecer uma rede de bases ultramarinas pelo oceano Índico em apoio a suas forças navais na proteção das LCM (LORD, 2009; FRIEDE, 2019).

O avanço da RPC em direção ao oceano Índico, ao continente africano e ao Oriente Médio, se materializando na construção de bases navais para reabastecimento, portos de águas profundas e centros logísticos, nada mais é do que postos avançados que poderão ser guarnecidos no futuro, fazendo com que a RPC passe a ter um papel mais global, contribuindo

para ampliação do controle da MEPL na região e no MSC. (ANDERSEN; PERRY, 2017).

Além do fortalecimento dos meios navais que vimos anteriormente, a outra necessidade está relacionada ao apoio logístico sustentável, constituindo-se de infraestrutura terrestre e capacidades multifuncionais de comando e controle, facilidades para atracação, treinamento, suporte técnico, fornecimento de material e apoio às tripulações (KENNEDY, 2019; XIAOXING, 2014).

Existe um conceito reconhecido e difundido entre os chineses, que afirma que a proteção das LCM é de vital importância para o país e que a manutenção de uma rede de apoio aos meios navais espalhadas por pontos focais de interesse são de extrema relevância. (ERICKSON, 2009)

Assim, a construção e posse de bases marítimas avançadas em posições estratégicas no oceano Índico, no Oriente Médio e no continente africano denotam essa nova postura estratégica em que se preocupar com o apoio aos meios e com a defesa das LCM, confirmam novamente a importância do caráter do governo visto na Teoria do Poder Marítimo de Mahan.

Ao olharmos a Teoria do Poder Marítimo de Mahan, para termos uma visão mais ampla, devemos nos afastar do campo tático e operacional e, como disse Margaret Sprout<sup>20</sup>, nos debruçarmos na filosofia do poder marítimo. Ao tomarmos a teoria por essa ótica, chegamos à conclusão de que Mahan não era apenas um entusiasta da batalha em alto mar, mas sim, defendia que as marinhas estivessem preparadas e aprestadas para que, caso não houvesse escolha, pudessem se fazer ao mar para enfrentar os inimigos e isso se aproxima muito do que vemos hoje na estratégia marítima contemporânea da RPC, em que os gastos

---

<sup>20</sup>Margaret Sprout é uma pesquisadora associada ao Centro de Estudos Internacionais da Universidade de Princeton. Disponível em: <<https://uknowledge.uky.edu/>>. Acesso em: 17 jul. 2022.

do governo para com a defesa do país, principalmente com a MELP, demonstram essa preocupação cada vez maior com a preparação, modernização e com o aprestamento. No entendimento deste autor, observamos a presença do caráter nacional da RPC salientados pela ávida procura pela expansão do comércio marítimo e a busca pelo lucro e pelo dinheiro nas transações comerciais pelo mundo, e a forte presença do caráter de governo nas políticas voltadas para o mar.

No que se refere ao crescimento da economia e a vontade do governo de mantê-la nesse patamar, gerou-se grandes efeitos relacionados ao Poder Marítimo. O volume de carga em contêineres manuseada nos portos chineses é um exemplo do nível da atividade marítima chinesa. A excelente infraestrutura de transporte e o volume absoluto de exportações e importações habilitaram a RPC a superar portos tradicionais pelo mundo (HOLMES; YOSHIHARA, 2018). Além de nove dos vinte principais portos do mundo estarem localizados na RPC, ela também é responsável pela movimentação de 40% das cargas manuseadas nos cinquenta principais terminais de contêineres do mundo, como pode ser visto na figura em anexo (FIG. 5, ANEXO A).

Embora Mahan acreditasse que em alguns momentos seriam necessárias ações ofensivas, ele estava convencido de que o comércio marítimo em tempos de paz era o verdadeiro caminho para a prosperidade e a grandeza de um Estado. Ele dizia que o ponto de partida fundamental para compreender o poder marítimo era assegurar o comércio marítimo através de medidas políticas condizentes com o poderio militar-naval de um país (HOLMES; YOSHIHARA, 2018).

Um comércio marítimo forte, uma marinha mercante forte e bem estruturada, o acesso a recursos abundantes, são elementos que invariavelmente trazem riquezas para um Estado e, por conseguinte, esse Estado somente poderá manter essa política econômica forte,

se estiver bem-preparada e com um poder naval bem desenvolvido, e é isso que assistimos hoje na RPC, todo esse pensamento foi exortado por Mahan em sua teoria, como destacamos no capítulo 2, e foi chamado por Holmes de primeiro tridente de Mahan, que seria a parte “lógica” da teoria.

A RPC avança rapidamente com seu poder marítimo. O fluxo constante de importações e exportações pelos oceanos; a velocidade com que seus estaleiros batem as quilhas dos navios mercantes; e a evolução da MELP integram uma série de fatores que possuem ampla relação com o que Mahan dizia - que as nações marítimas deviam expandir seu comércio internacional, ampliar a frota mercante, implementar a frota naval e construir bases avançadas (HOLMES; YOSHIHARA, 2018). Todos esses aspectos são seguidos pela MELP nas últimas décadas, corroborando o alinhamento da estratégia marítima contemporânea da MELP com a Teoria do poder marítimo de Mahan.

Importantes figuras da RPC, como Mao Tsé-Tung e o Ni Lexiong, insultaram e negaram a obra de Alfred T. Mahan, mas contrário a todo esse desprezo, tivemos a iniciativa de abertura e reforma de Deng Xiaoping, nos idos da década de 1980, que incentivou o estudo da Teoria do Poder Marítimo de Mahan, permitindo aos analistas chineses tomarem conhecimento de termos como “comando no mar” e “comando das comunicações”, além disso, entender a importância vital do comércio marítimo; da expansão das frotas mercantes e navais; e a expansão geográfica, materializado na obtenção de bases ou com o estabelecimento de acordos com outros países (HOLMES; YOSHIHARA, 2018).

O comércio marítimo da RPC nos dias de hoje, é uma engrenagem fundamental para mover a segunda maior economia do mundo. A intensidade com que ocorrem as importações e as exportações de petróleo, gás natural e outras matérias-primas são os combustíveis necessários para manter essa máquina pulsando, mas para que isso ocorra de

forma segura, o Estado precisa contar com uma força naval à altura desse desafio, e é nesse ponto que a RPC acordou para a evolução e modernização do poder naval da MELP. Esse binômio comércio marítimo e marinha forte estão enraizados na teoria de Mahan e, segundo ele, a grandeza nacional deriva do poder marítimo formado pelos elementos citados acima.

O Almirante chinês Wu Shengli, que foi Comandante da MELP no período de agosto de 2006 a janeiro de 2017, era um defensor de que a RPC é um Estado oceânica, tanto pelo seu longo litoral, quanto por suas ilhas e as áreas marítimas. Dentro dessa declaração, ele enfatizava o quanto era fundamental que o povo chinês tivesse uma consciência situacional de quanto seria importante o mar para a RPC e o quanto as atividades voltadas para o mar colaboram para o desenvolvimento do país (HOLMES; YOSHIHARA, 2018).

Esse aspecto importante, defendido por essa grande figura da MELP, nos conecta mais uma vez com a Teoria do Poder Marítimo de Mahan, em que ele destaca o caráter nacional, como um fator fundamental para um Estado de características oceânicas e que busca no mar, um dos principais caminhos para acesso às suas riquezas.

A mudança de orientação no caráter nacional para o mar está diretamente ligada com o desaparecimento das ameaças terrestres que no passado assolavam a RPC. Com isso, Pequim pôde se preocupar em crescer maritimamente, tornando-se uma potência marítima, sem se preocupar intensamente com disputas terrestres (HOLMES; YOSHIHARA, 2018).

Como visto, essa mudança no caráter nacional somente foi possível ocorrer por mudanças no caráter de governo, uma vez que os líderes da RPC voltaram suas políticas para o mar.

Para Robert Kaplan, enquanto a Marinha dos EUA presta homenagem a Mahan ao batizar edifícios com seu nome, os chineses o leem avidamente; os chineses são os mahanianos de hoje. Além disso, se efetivamente for aplicada a Teoria do Poder Marítimo de

Mahan, existirá uma boa chance de ocorrer uma batalha épica entre frotas navais (HOLMES; YOSHIHARA, 2018).

Nesse contexto, o que vemos hoje na evolução da estratégia marítima chinesa, é justamente isto: a RPC cada vez mais preocupada em controlar as LCM, construindo bases de apoio ao longo dessas LCM, adquirindo e construindo meios navais capazes de dissuadir e, caso necessário, fazer frente aos oponentes e demonstrar poder frente aos seus vizinhos tanto no MCO, quanto no MSC. No entendimento deste autor e de acordo com o que vimos no capítulo 2 deste trabalho, todo esse movimento de aquisições e construções de meios navais, as construções de bases modernas e o controle acionário de portos pelo mundo, estão ligados diretamente com o fator condicionante caráter de governo, fruto de políticas voltadas para o mar. Quando falamos da proteção das LCM e a expansão do comércio, verificamos uma relação com o fator condicionante caráter nacional, que corrobora para enxergarmos um grande viés mahaniano, que tanto na “gramática” quanto na “lógica” da teoria, defendidas por Holmes, apontam para as preocupações com a manutenção crescente do comércio, que é o caminho para prosperidade e riqueza, mas, para que isso ocorra, faz-se necessário um MELP moderna e aprestada.

Diante do exposto neste capítulo, no capítulo 2 deste trabalho, nas consultas realizadas as obras “The Influence of Sea Power upon History 1660-1783”, de Alfred T. Mahan, e “Red star over the Pacific, de Toshi Yoshihara e Thomas R. Holmes, além de outros documentos importantes e, também, as visões colocadas por este autor, podemos observar certa aderência do que se vê na MELP e na própria RPC com a Teoria do Poder Marítimo de Mahan.

No próximo capítulo faremos uma breve conclusão, mostrando como ocorreu a evolução da MELP nas últimas três décadas, bem como suas ligações como a teoria de Mahan.

## 5 CONCLUSÃO

Ao longo das últimas três décadas a RPC passou por uma série de transformações, tanto na área econômica quanto na área de defesa. Hoje, a RPC é a segunda maior economia do mundo e a terceira potência militar e nuclear do globo. Para chegar até aqui foram necessários várias mudanças e um aprimoramento de sua política externa. Muito além de suas fronteiras, a RPC passou a investir em infraestrutura ao redor do mundo, passando a controlar uma série de portos e reestruturar seu comércio marítimo, dada a necessidade de incrementar o fluxo de exportações e importações, corroborando com o crescimento econômico.

A partir desse momento iremos nos dedicar a responder de que forma ocorreu a evolução da estratégia naval contemporânea da RPC e como a Teoria do Poder Marítimo de Alfred T. Mahan tem aderência ao ocorrido na evolução da MELP. Há cerca de três décadas, a RPC acordou para essa realidade e percebeu que deveria ter uma marinha que fosse capaz de proporcioná-la a segurança necessária para alcançar o destaque no cenário internacional. Já vimos no início da conclusão que os investimentos para o setor naval foram crescendo e a compra e modernização dos meios foram avançando. A vontade política iniciada na década de 1980, quando Deng Xiaoping assumiu a vanguarda do PCC, foi fator fundamental para todo esse processo. Deng foi responsável por inúmeras reformas econômicas e pelo aumento dos gastos militares em dois dígitos, anualmente, desde a década de 1990. Além disso, teria sido um possível incentivador do estudo da Teoria do poder marítimo de Mahan, levando os estudiosos a entenderem a grande importância do comércio marítimo; da expansão das frotas mercantes e navais; e a expansão geográfica.

A busca por vantagens em termos de posição geográfica denota a preocupação

com o controle dos pontos estratégicos e a importância de estar bem-posicionado.

Uma percepção que os chineses passaram a ter foi a de que localizar e garantir pontos críticos no mar seria uma maneira de expandir o poder marítimo e, além disso, manter os acessos abertos aos mercados e as bases operacionais.

Nessa mesma linha de conseguir um bom posicionamento geográfico, temos um outro fator que trata da conformação física, em que a RPC e a MELP perceberam a necessidade de possuir bons portos e bases, o que faz parte de uma série de medidas que foram e estão sendo tomadas.

Falando da modernização ocorrida na MELP nesses últimos trinta anos, voltamos a década de 1980, mais precisamente entre 1982 e 1988, quando então Comandante da MELP, Almirante Liu Huaqing, foi um dos principais responsáveis por essa guinada estratégica, em que os investimentos tomaram maiores proporções.

Ao longo desses trinta anos, a MELP conseguiu investimentos junto ao governo da RPC para aquisição e construção de meios navais, sejam eles submarinos, navios de superfície, navios aeródromos, bem como suas aeronaves orgânicas.

Com tudo que vimos, fica claro que os investimentos voltados para a modernização e o crescimento da MELP, como uma força organizada de uma grande potência global, foi uma mudança de direção no caráter de governo ocorrida nessas últimas três décadas.

A preparação de uma força organizada para se contrapor aos possíveis inimigos que pudessem aparecer, é uma ação encontrada na lógica da teoria de Mahan e que só foi possível por conta dessa nova postura do governo.

O entorno da RPC é composto pelo MCO e MSC, áreas que são palcos de disputas marítimas e passagem das principais LCM. As tensões que envolvem as disputas marítimas e



a necessidade de proteção das LCM conduziram as políticas públicas e os líderes chineses a se preocuparem com toda essa questão. Nesse novo cenário, podemos assistir à evolução da RPC, ao aumento dos gastos com a defesa e, por conseguinte, à modernização e à evolução da estratégia naval do Estado.

Para evoluir e modernizar a estratégia naval da RPC se fez necessário uma mudança de postura dos líderes, uma conscientização da população, um embasamento teórico e uma leitura atualizada da nova realidade que se aproximava.

Como parte desse grande movimento que está sendo realizado pela RPC, também vimos o aparecimento do BRI, que possui uma dimensão marítima que faz parte da diplomacia da RPC, contribuindo para esse movimento de revitalização e crescimento nacional.

Outro ponto igualmente relevante seria a preocupação com a proteção das LCM e o apoio logístico ao longo das linhas. Nesse contexto, a estratégia do “Colar de Pérolas” mostra parte dessa preocupação que a RPC possui com a segurança do tráfego marítimo e, além disso, com a capacidade de apoiar de maneira satisfatória todos as demandas de seus navios militares ou civis ao longo dessas LCM, gerando um apoio logístico sustentável.

Por conta disso, a construção e a posse de bases marítimas avançadas em posições estratégicas, que fortalecem o BRI e a estratégia do “Colar de Pérolas” são, sem sombra de dúvidas, ações de uma nova política de governo, em que o caráter de governo e o caráter nacional, ambos vistos na teoria de Mahan, se fazem presentes.

Pela ótica econômica, vimos o quanto a RPC cresceu ao longo desses últimos 30 anos, tornando-se a segunda maior economia do mundo. A vontade do governo de alcançar esse novo patamar e, claramente, permanecer, fez com que a MELP caminhasse nessa mesma direção. Esse grande crescimento do comércio marítimo, levado a cabo pela construção e operação dos principais portos do mundo, trouxeram a reboque a necessidade de

modernização e preparo da MELP. Como dizia Mahan, o comércio marítimo em tempo de paz é o caminho para a prosperidade e a grandeza do Estado.

Quando voltamos a década de 1980 e vimos o início do incremento no orçamento da defesa da RPC, observamos a preocupação dos líderes, como Deng Xiaoping, e do comandante da MELP, Almirante Liu Huaqing, em crescer e modernizar uma força, pois para ocupar a posição no cenário internacional que se desejava, essa ação seria primordial. Vimos os gastos em defesa aumentar consideravelmente e, de certa forma, se redirecionar para o poder naval e aéreo. Foram adquiridos navios, submarinos e aeronaves e, também, foram realizadas com afinco as ações de engenharia reversa, incremento da indústria de defesa nacional e a nacionalização de grandes projetos estratégicos. Com todos esses movimentos, o reposicionamento no cenário internacional era inevitável.

A mudança de postura dos líderes da RPC permitiu esse avanço e incremento do poder naval, outro ponto igualmente relevante foi o incremento das indústrias de defesa e indústrias do setor marítimo, levando a sociedade da costa leste da RPC a se voltar para o mar e enxergar a importância de todo esse movimento, uma vez que uma grande fatia do PIB vem de atividades relacionadas ao mar.

O despertar da RPC para a importância do mar, se alinhando aos fatores condicionantes da teoria de Mahan, nos permitiu observar uma aderência com os preceitos existentes referente a posição geografia, a conformação física e, especialmente, ao caráter de governo e ao caráter nacional, sendo esses dois últimos, os fatores mutáveis que efetivamente dependem da vontade política e do reconhecimento da importância dessas atividades pelo povo. Esses dois últimos são sem sombra de dúvida o que representam o maior peso nesses anos de transformação uma vez que os líderes da RPC viram a necessidade de ter uma marinha forte, possuidora de uma estratégia inteligente, que fosse capaz de estar pronta para

enfrentar os desafios que surgiriam no século XXI. Dessa forma, concluímos que é possível observar certa aderência entre a Teoria do Poder Marítimo de Mahan e a realidade vivida pela RPC nessas últimas três décadas.

## REFERÊNCIAS

ANDERSEN, Bobby; PERRY, Charles M. **Weighing the consequences of China's control over the South China Sea**. Washington: Institute for Foreign Policy Analysis, 2017. Disponível em: [http://www.ifpa.org/pdf/PDF\\_South%20China%20Sea%20Book\\_BA\\_11.21.17.pdf](http://www.ifpa.org/pdf/PDF_South%20China%20Sea%20Book_BA_11.21.17.pdf). Acesso em: 27 jul. 2022.

DOBBINS, J. et al. **Conflict with China: prospects, consequences, and strategies for deterrence**. RAND Corporation, 2011. (Occasional Papers, n. 334). Disponível em: [https://rand.org/content/dam/rand/pubs/occasional\\_papers/2011/RAND\\_OP344.pdf](https://rand.org/content/dam/rand/pubs/occasional_papers/2011/RAND_OP344.pdf). Acesso em: 15 maio 2022.

ERICKSON, Andrew S.; GOLDSTEIN, Lyle. **China future nuclear submarine force**. 1º edição. Annapolis: Naval Institute Press, 2007. 398 p.

ERICKSON, Andrew S.; GOLDSTEIN, Lyle J.; LORD, Carnes; CHARLES, Winston. **China goes to sea: maritime transformation in historical perspective**. 1º edição. Annapolis: Naval Institute Press, 2009. 485 p.

FRIEDE, Reis. **Colar de pérolas: a estratégia chinesa para dominar o Mar do Sul da China e a região do oceano Índico**. Revista Marítima Brasileira, v. 139, mar. 2019. Rio de Janeiro: Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da marinha.

GARCIA, Zenel. **China's Military Modernization, Japan's Normalization and the South China Sea Territorial Disputes**. Switzerland: Palgrave, 2019. 143 p.

HOLMES, James. R.; YOSHIHARA, Toshi. **Chinese naval strategy in 21st century: the turn to Mahan**. New York: Routledge, 2008. 167 p.

HOLMES, James. R.; YOSHIHARA, Toshi. **Red star over the Pacific: China's rise and the challenge to U.S. maritime strategy**. 2º edição. Annapolis: Naval Institute Press, 2018. 366p.

JINPING, X. **A governança da China II**. Beijing: Editora de Línguas Estrangeiras, 2018.

KAPLAN, R. D. **Asia's cauldron: the South China Sea and the end of a stable Pacific**. New York: Random House, 2014. 204 p.

KENNEDY, Connor. **Strategic strong points and chinese naval strategy**. In China Brief, v. 19, 22 mar. 2019. Newport: Naval War College, 2019.

LORD, Carnes. China and maritime transformations. In: ERICKSON, Andrew S.; GOLDSTEIN, Lyle J.; LORDE, Carnes. (Ed.). **China goes to sea: maritime transformation in comparative historical perspective**. Annapolis: Naval Institute Press, 2009. p. 426-457.

MAHAN, Alfred T. **The influence of sea power upon history, 1660-1783**. New York: Dover Publication, 1987. 557 p.

MORAES, Rodrigo. **A ascensão naval chinesa e as disputas territoriais marítimas no Leste asiático**. In: CINTRA, Marcos et al. **China em transformação: dimensões econômicas e geopolíticas do desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Ipea, 2015. p. 551-594.

MORGAN, Stanley. **Inside China's plan to create a modern Silk Road**. Disponível em: <https://www.morganstanley.com/ideas/china-belt-and-road>. Acesso em: 17 jul. 2022.

O'ROURKE, Ronald. **China naval modernization: implications for U.S navy capabilitiesbackground and issues for Congress, Washington, DC, 21st. may, 2018**. Disponível em:<<https://sgp.fas.org/crs/row/RL33153.pdf>>. Acesso em: 29 maio 2022.

PAUTASSO, D.; Ungaretti, C. R. **A Nova Rota da Seda e a recriação do sistema sinocêntrico**. Estudos Internacionais, 4 (3), 2017. p. 25-44.

PAUTASSO, Diego. **A nova rota da seda e as relações Sino-indianas: "O desafio do colar de pérolas"**. Rio de Janeiro: Mural Internacional, 2020. v.11, p. 1-16.

ROY, D. **More security for rising China, less for others?** Asia Pacific Issues, n. 106, jan. 2013. Disponível em: <<https://www.eastwestcenter.org/sites/default/files/private/api106.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2022.

ROSS, R. S. **China's naval nationalism: sources, prospects, and the U.S. response.** International Security, v. 34, n. 2, 2009.

SIPRI – STOCKHOLM INTERNATIONAL PEACE RESEARCH INSTITUTE. **Military expenditures: sources and methods.** Stockholm: Sipri. Disponível em: <<https://www.sipri.org/databases/milex/sources-and-methods>>. Acesso em: 24 jun. 2022.

STRATFOR – STRATEGIC FORECASTING. **China's New Need for a Maritime Focus.** Analysis, 30 Mar. 2009.

STRATFOR – STRATEGIC FORECASTING. **China, Japan: East China Sea disputes arise again.** Analysis, 23 Fev. 2010.

STRATFOR – STRATEGIC FORECASTING. **China reconsiders position against natural gas project with Japan.** Analysis, 18 Nov. 2011.

STRATFOR – STRATEGIC FORECASTING. **The geopolitics of China: a great power enclosed.** Analysis, 25 Mar. 2012a.

STRATFOR – STRATEGIC FORECASTING. **The driving forces behind Japan's remilitarization.** Analysis, 17 Dez. 2012b.

STRATFOR – STRATEGIC FORECASTING. **China's dream of its own "Monroe Doctrine".** Geopolitical Diary, 16 Dez. 2013.

WORLD Bank Group. [S. I.], 10 fev. 2021. Disponível em: <https://www.data.worldbank.org/indicator>. Acesso em: 13 out. 2022.

XIAOXING, G. **The PLA navy**. New York: CN Times Books, 2014. 215 p

## ANEXO A

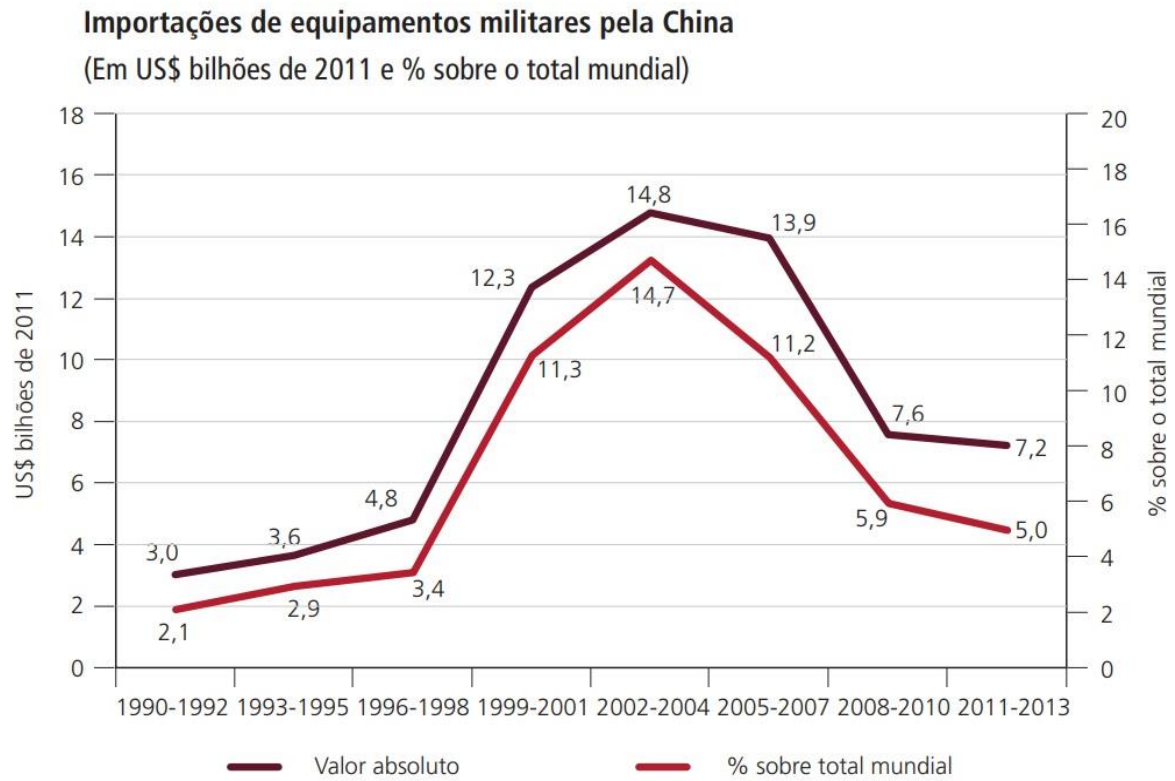


FIGURA 1 – Gráfico de gastos da RPC com importação de equipamentos militares.  
Fonte: Stockholm International Peace Reserach Institute (SIPRI)



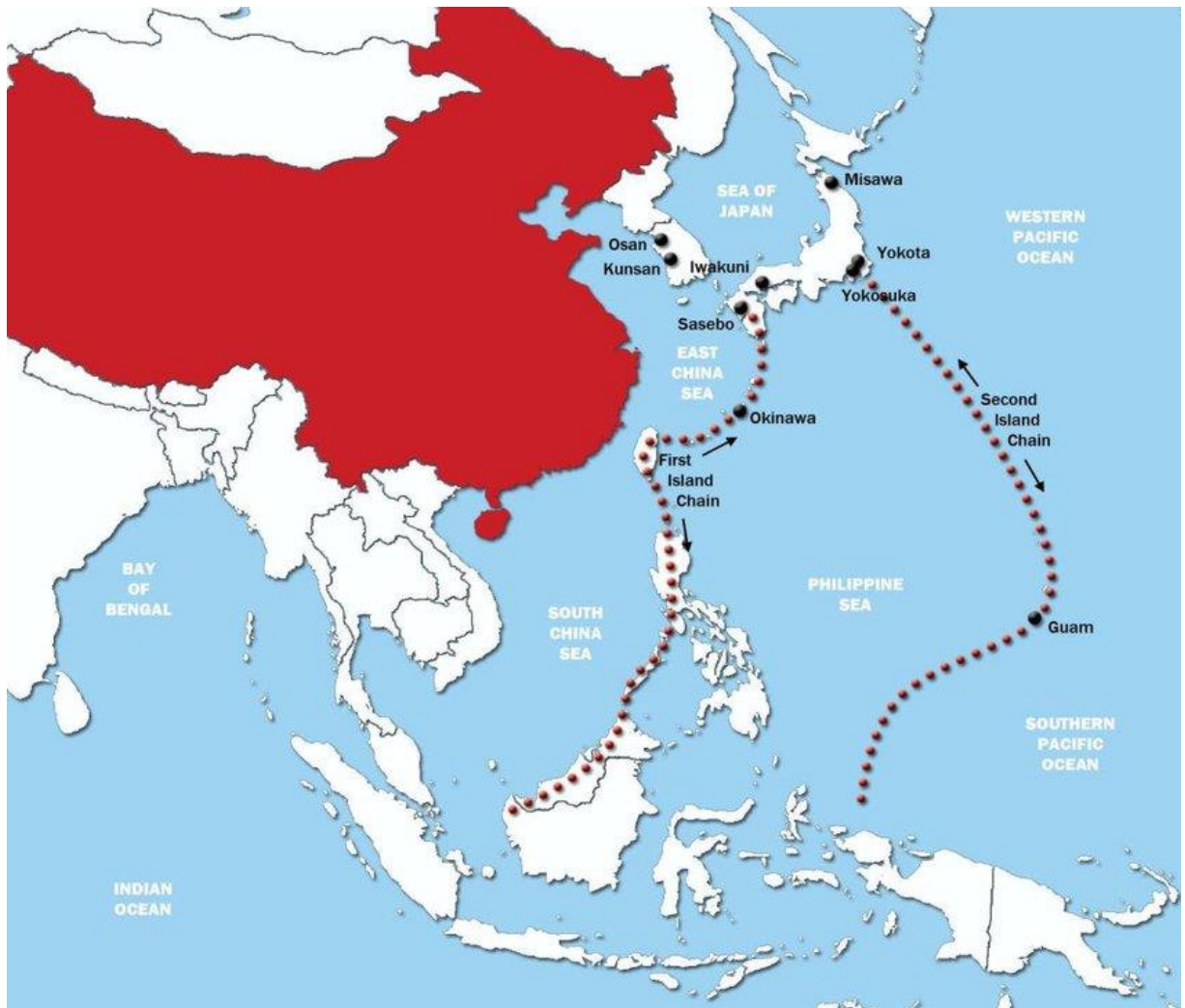


FIGURA 2 – Mapa ilustrativo da primeira e da segunda cadeia de ilhas.

Fonte: Catama, 2015. Disponível em: [http://www.researchgate.net/figure/Overview-map-of-First-and-Second-Island-Chain-Source-Catama-2015\\_fig5\\_333663475/download](http://www.researchgate.net/figure/Overview-map-of-First-and-Second-Island-Chain-Source-Catama-2015_fig5_333663475/download). Acesso em: 14 maio 2022

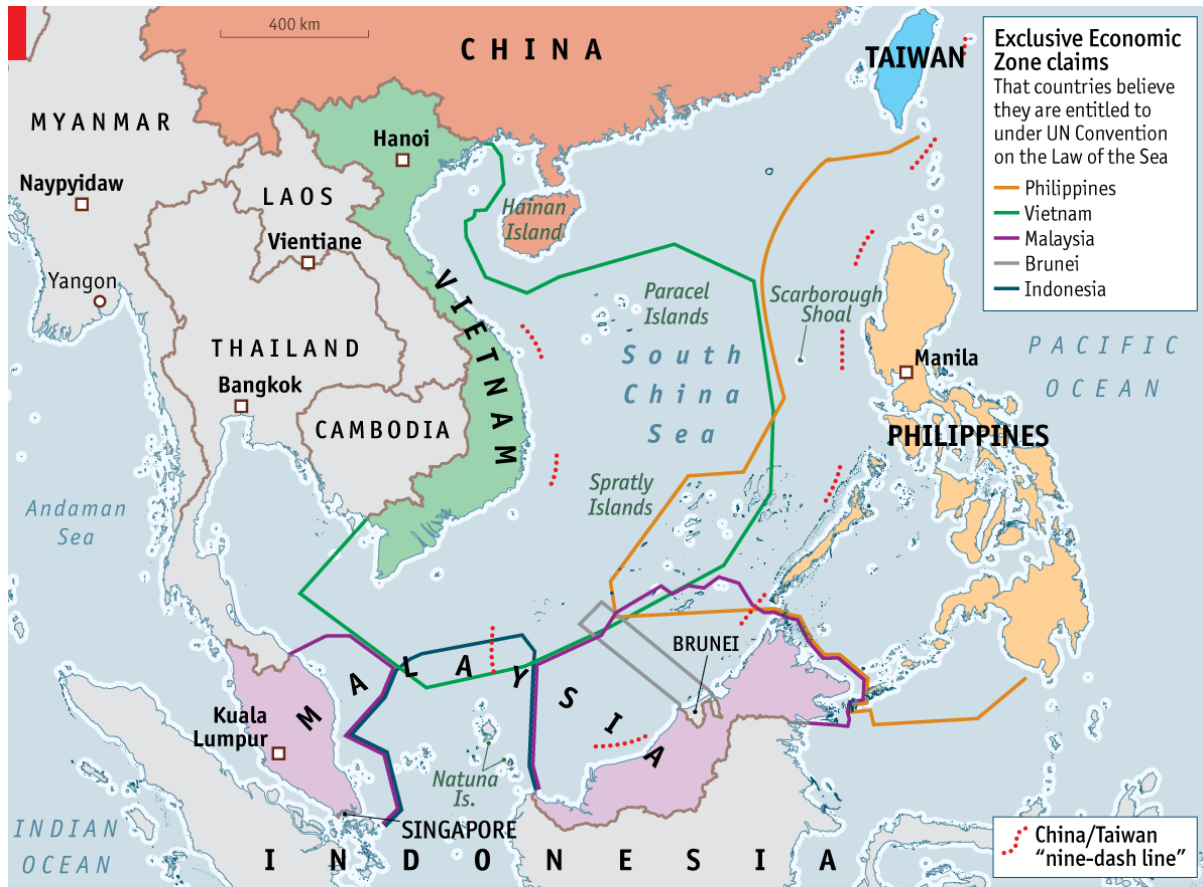


FIGURA 3 – Mapa ilustrativo dos nove traços e as disputas territoriais que envolvem Brunei, Indonésia, Filipinas, Malásia e Vietnã.

Fonte: Instituto Ludwig von Mises Brasil. Disponível em: <http://www.mises.org.br/ArticlePrint.aspx?id=2465>. Acesso em: 15 maio 2022.

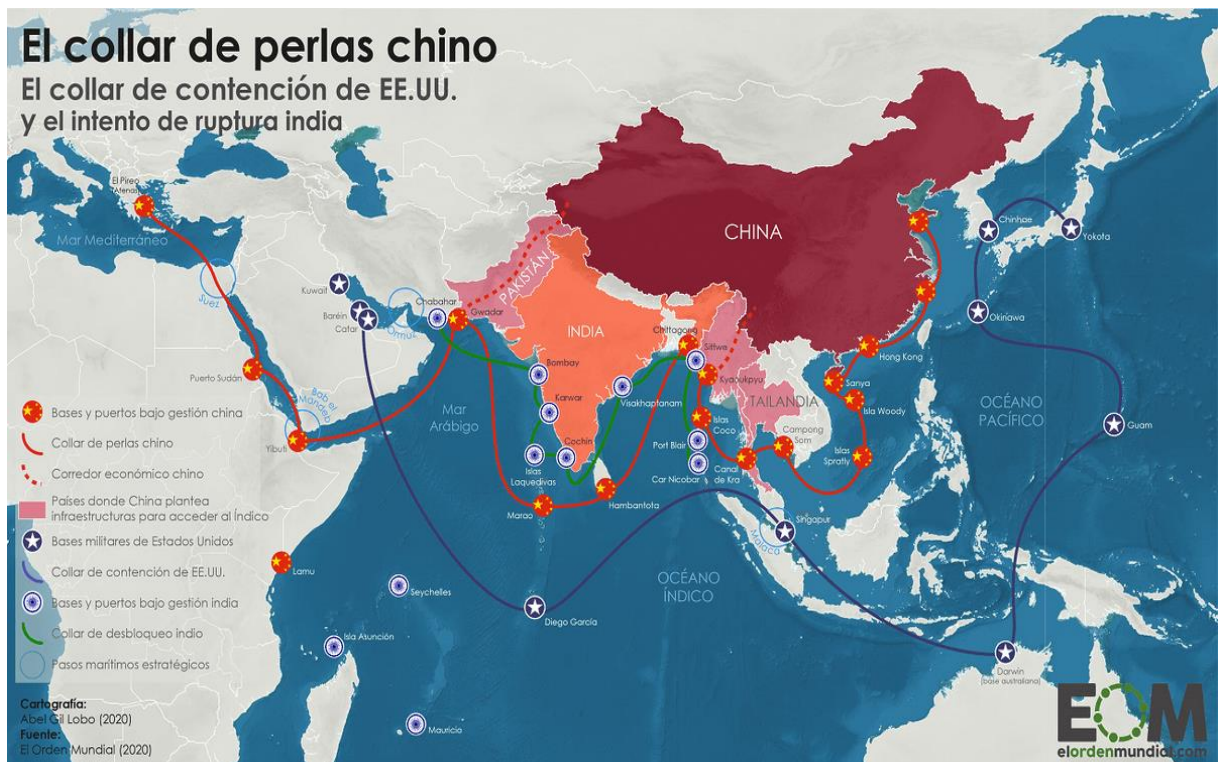


FIGURA 4 – Mapa ilustrativo das bases e portos sob gestão chinesa na região do Oceano Índico.

Fonte: El Orden Mundial, 2020. Disponível em: <http://mapsontheweb.zoom-maps.com/post/652067135522291712/the-chinese-pearl-necklace-is-extended-to>. Acesso em: 20 maio 2022.

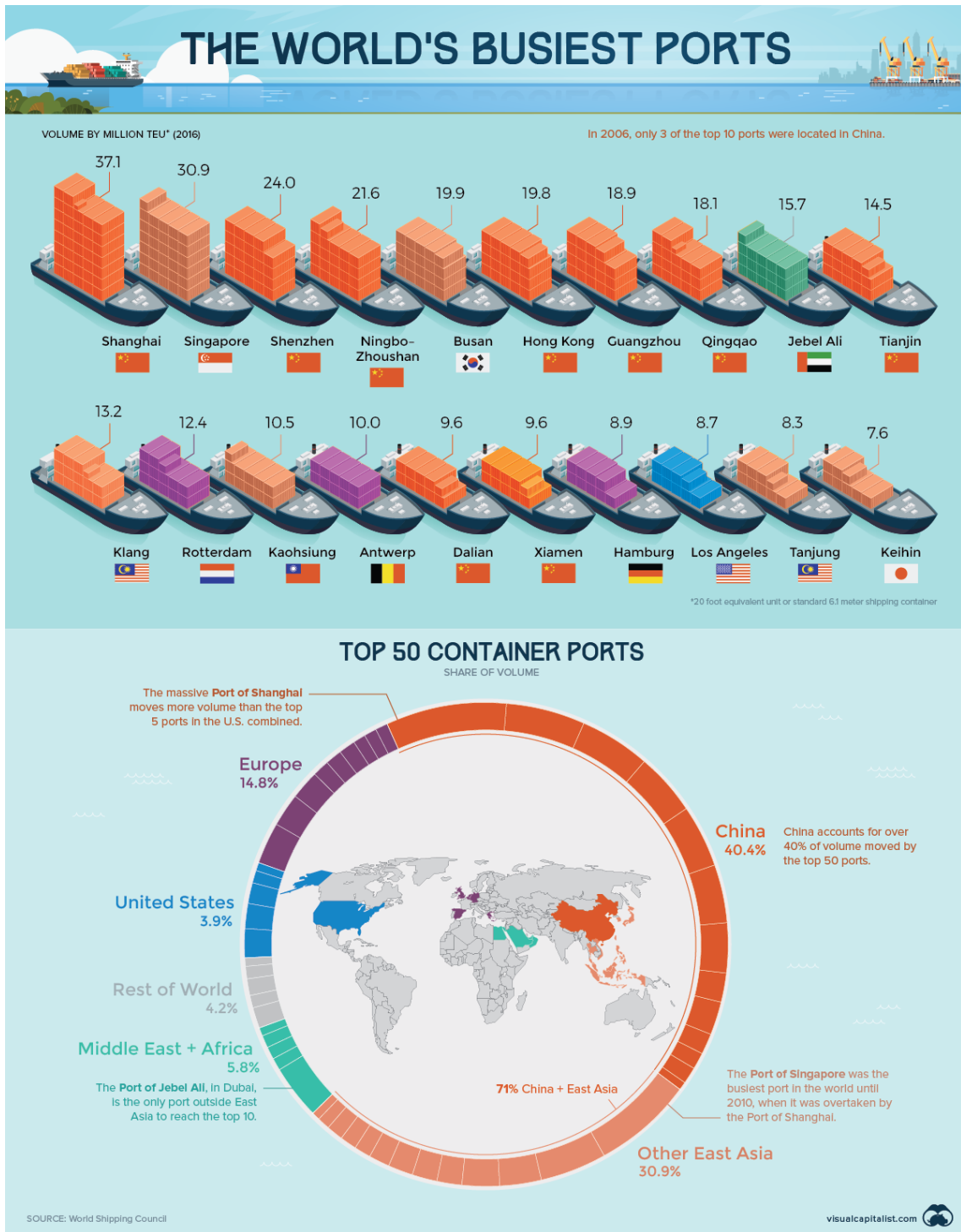


FIGURA 5 – Infográfico demonstrativo dos cinquenta portos mais movimentados do mundo.

Fonte: <https://www.visualcapitalist.com/worlds-busiest-ports/>. Acesso em: 26 jul. 2022